

## Comissão de Turismo e Desporto



Câmara dos  
Deputados

# PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO ESPORTE

Brasília | 2013



**PARTICIPAÇÃO DAS  
MULHERES NO ESPORTE**

**Mesa da Câmara dos Deputados**  
**54ª Legislatura – 2ª Sessão Legislativa**  
**2011-2015**

**Presidente**

Marco Maia

**1ª Vice-Presidente**

Rose de Freitas

**2º Vice-Presidente**

Eduardo da Fonte

**1º Secretário**

Eduardo Gomes

**2º Secretário**

Jorge Tadeu Mudalen

**3º Secretário**

Inocêncio Oliveira

**4º Secretário**

Júlio Delgado

Suplentes de Secretário

**1º Suplente**

Geraldo Resende

**2º Suplente**

Manato

**3º Suplente**

Carlos Eduardo Cadoca

**4º Suplente**

Sérgio Moraes

**Diretor-Geral**

Rogério Ventura Teixeira

**Secretário-Geral da Mesa**

Sérgio Sampaio Contreiras de Almeida



**Câmara dos Deputados**  
Comissão de Turismo e Desporto

# **Participação das Mulheres no Esporte**

Audiência pública realizada  
pela Comissão de Turismo e  
Desporto em 14 de dezembro  
de 2011.

Centro de Documentação e Informação  
Edições Câmara  
Brasília – 2013

Câmara dos Deputados

DIRETORIA LEGISLATIVA

*Diretor* Afrísio Vieira Lima Filho

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

*Diretor* Adolfo C. A. R. Furtado

COORDENAÇÃO EDIÇÕES CÂMARA

*Diretora* Maria Clara Bicudo Cesar

DEPARTAMENTO DE COMISSÕES

*Diretor* Luiz Antônio Souza da Eira

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

*Diretora* Cássia Regina Ossipe Martins Botelho

*Projeto gráfico* Paula Scherre

*Capa e diagramação* Roberto Camara

*Revisão* Seção de Revisão e Indexação

Câmara dos Deputados

Centro de Documentação e Informação – Cedi

Coordenação Edições Câmara – Coedi

Anexo II – Praça dos Três Poderes

Brasília (DF) – CEP 70160-900

Telefone: (61) 3216-5809; fax: (61) 3216-5810

editora@camara.leg.br

SÉRIE

**Comissões em ação**

n. 12

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
Coordenação de Biblioteca. Seção de Catalogação.

Brasil. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Turismo e Desporto.

Participação das mulheres no esporte [recurso eletrônico]. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

64 p. – (Série comissões em ação ; n. 12)

Audiência pública realizada pela Comissão de Turismo e Desporto em 14 de dezembro de 2011.

ISBN 978-85-402-0032-6 (e-book)

1. Mulher no esporte, Brasil. I. Título. II. Série.

CDU 396:796(81)

ISBN 978-85-402-0031-9 (brochura)

ISBN 978-85-402-0032-6 (e-book)

# Sumário

<u>Membros da Comissão de Turismo e Desporto 2011</u>	<u>7</u>
<u>Equipe Técnica da Comissão de Turismo e Desporto 2011</u>	<u>9</u>
<u>Membros da Comissão de Turismo e Desporto 2012</u>	<u>10</u>
<u>Equipe Técnica da Comissão de Turismo e Desporto 2012</u>	<u>12</u>
<u>Apresentação</u>	<u>13</u>
<u>Audiência Pública</u>	<u>15</u>

# MEMBROS DA Comissão de Turismo e Desporto 2011

## Mesa da Comissão

<b>Presidente</b>	Jonas Donizette	PSB/SP
<b>1º Vice-Presidente</b>	Romário	PSB/RJ
<b>2º Vice-Presidente</b>	Valadares Filho	PSB/SE
<b>3º Vice-Presidente</b>	Renan Filho	PMDB/AL

## Composição da Comissão

### TITULARES

### SUPLENTES

#### PT

José Airton – PT/CE	Chico D'angelo – PT/RJ
Luci Choinacki – PT/SC	Vicente Candido – PT/SP

#### PMDB

Benjamin Maranhão – PMDB/PB	Edinho Bez – PMDB/SC
Renan Filho – PMDB/AL	Giroto – PMDB/MS
	Hermes Parcianello – PMDB/PR
	Joaquim Beltrão – PMDB/AL

#### PSDB

Carlaile Pedrosa – PSDB/MG	Rui Palmeira – PSDB/AL
Otávio Leite – PSDB/RJ	Ruy Carneiro – PSDB/PB

#### PP

Afonso Hamm – PP/RS	Roberto Britto – PP/BA
Nelson Meurer – PP/PR	

#### DEM

Fábio Souto – DEM/BA
Professora Dorinha Seabra Rezende – DEM/TO

## Composição da Comissão

### TITULARES

### SUPLENTES

#### PR

José Rocha – PR/BA

#### PSB

Domingos Neto – PSB/CE

Janete Capiberibe – PSB/AP

Jonas Donizette – PSB/SP

Romário – PSB/RJ

Valadares Filho – PSB/SE

#### PDT

André Figueiredo – PDT/CE

Dr. Jorge Silva – PDT/ES

Manato – PDT/ES

#### Bloco PV, PPS

Rubens Bueno – PPS/PR

#### PTB

Arnon Bezerra – PTB/CE

#### PSC

Carlos Eduardo Cadoca – PSC/PE

Andre Moura – PSC/SE

#### PCdoB

Jô Moraes – PCdoB/MG

Delegado Protógenes – PCdoB/SP

#### PSD

Danrlei de Deus Hinterholz – PSD/RS

Jefferson Campos – PSD/SP

Fábio Faria – PSD/RN

#### PRB

Acelino Popó – PRB/BA

Secretário: James Lewis Gorman Júnior

Local: Anexo II, Térreo, Ala A, Sala 5

CEP: 70.160-900 – Brasília – DF

Telefones: 3216-6832 / 6831 / 6837

Fax: 3216-6835

Site: [www.camara.leg.br](http://www.camara.leg.br)

Email: [ctd.decom@camara.leg.br](mailto:ctd.decom@camara.leg.br)



# EQUIPE TÉCNICA DA **Comissão de Turismo e Desporto 2011**

## **Secretário da Comissão**

James Lewis Gorman Júnior

## **Corpo Técnico**

Akimi Watanabe

Cláudia Neiva Peixoto

Danilo Diógenes

Julia Sulz Barbosa Ribeiro

Lindberg Aziz Cury Júnior

Luiz Paulo Pieri

Ronaldo Santiago

Sônia Cordeiro de Abreu

Wilma Cavalcanti Rizzo Filha

## **Informações da Comissão**

Câmara dos Deputados

Anexo II, Térreo, Ala A, Sala 5

CEP: 70.160-900 – Brasília – DF

Telefones: (61) 3216-6832 / 6831 / 6837 – Fax: (61) 3216-6835

E-mail: [ctd.decom@camara.leg.br](mailto:ctd.decom@camara.leg.br)

Site: [www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/ctd](http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/ctd)

# MEMBROS DA Comissão de Turismo e Desporto 2012

## Mesa da Comissão

<b>Presidente</b>	José Rocha	PR/BA
<b>1º Vice-Presidente</b>	Afonso Hamm	PP/RS
<b>2º Vice-Presidente</b>	Carlos Eduardo Cadoca	PSC/PE
<b>3º Vice-Presidente</b>	Luci Choinacki	PT/SC

## Composição da Comissão

### TITULARES

### SUPLENTES

#### PT

José Airton – PT/CE	João Paulo Lima – PT/PE
Luci Choinacki – PT/SC	Policarpo – PT/DF
	Vicente Candido – PT/SP

#### PMDB

Benjamin Maranhão (*) – PMDB/PB	João Arruda – PMDB/PR
Edinho Bez – PMDB/SC	Joaquim Beltrão – PMDB/AL
Francisco Escórcio – PMDB/MA	Marllos Sampaio – PMDB/PI
Renan Filho – PMDB/AL	

#### PSDB

Carlaile Pedrosa – PSDB/MG	Andreia Zito – PSDB/RJ
Otavio Leite – PSDB/RJ	Walter Feldman – PSDB/SP

#### PP

Afonso Hamm – PP/RS	Renato Molling – PP/RS
---------------------	------------------------

#### DEM

Fábio Souto – DEM/BA
Professora Dorinha Seabra Rezende – DEM/TO

<b>Composição da Comissão</b>	
<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>PR</b>	
José Rocha – PR/BA	Neilton Mulim – PR/RJ
<b>PSB</b>	
Jonas Donizette – PSB/SP	
Romário – PSB/RJ	
Valadares Filho – PSB/SE	
<b>PDT</b>	
André Figueiredo – PDT/CE	Flávia Moraes – PDT/GO
<b>Bloco PV, PPS</b>	
Rubens Bueno – PPS/PR	
<b>PTB</b>	
Magda Mofatto – PTB/GO	Arnon Bezerra – PTB/CE
	José Augusto Maia – PTB/PE
<b>PSC</b>	
Carlos Eduardo Cadoca – PSC/PE	Professor Sérgio de Oliveira – PSC/PR
1 vaga	
<b>PCdoB</b>	
Jô Moraes – PCdoB/MG	Delegado Protógenes – PCdoB/SP
<b>PSD (art. 2º do Ato da Mesa nº 27/2012)</b>	
Danlei de Deus Hinterholz – PSD/RS	Jefferson Campos – PSD/SP
Fábio Faria – PSD/RN	Marcos Montes – PSD/MG
<b>PRB</b>	
	Acelino Popó – PRB/BA

Secretária: Ana Katia Martins Bertholdo

Local: Anexo II, Térreo, Ala A, Sala 5

CEP: 70.160-900 – Brasília – DF

Telefones: 3216-6832 / 6833 / 6837

Fax: 3216-6835

Site: [www.camara.leg.br](http://www.camara.leg.br)

Email: [ctd.decom@camara.leg.br](mailto:ctd.decom@camara.leg.br)

(\*) deputado(a) não está no exercício do mandato.

# EQUIPE TÉCNICA DA **Comissão de Turismo e Desporto 2012**

## **Secretária da Comissão**

Ana Katia Martins Bertholdo

## **Corpo Técnico**

Akimi Watanabe

Cláudia Neiva Peixoto

Cristina Lourenço de Vasconcelos

Julia Sulz Barbosa Ribeiro

Lia Drumond Cavalcante Chagas

Lindberg Aziz Cury Júnior

Luiz Paulo Pieri

Ronaldo Santiago

## **Informações da Comissão**

Câmara dos Deputados

Anexo II, Térreo, Ala A, Sala 5

CEP: 70.160-900 – Brasília – DF

Telefones: (61) 3216-6832 / 6831 / 6837 – Fax: (61) 3216-6835

E-mail: [ctd.decom@camara.leg.br](mailto:ctd.decom@camara.leg.br)

Site: [www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/ctd](http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/ctd)

# Apresentação

A participação da mulher brasileira nos esportes, conquanto tenha tido aumento substancial nas últimas décadas, ainda se mostra, no quadro geral, um tanto retraída e, acima de tudo, carente de incentivos. Sua luta para superar as diversas barreiras erguidas pela sociedade deveria ser do conhecimento de todos para – quem sabe? – sensibilizar as áreas governamental, empresarial e a própria população, que desconhece os árduos caminhos trilhados por muitos dos seus ídolos do esporte.

Os testemunhos das atletas Aída dos Santos, atleta olímpica do atletismo nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964; Jaqueline Silva, atleta olímpica e medalhista de ouro pelo vôlei de praia nos Jogos Olímpicos de Atlanta; Leila Barros, atleta olímpica do voleibol feminino; Amanda Miranda, atleta do futebol feminino do Clube Atlético Mineiro, além do relato da professora Katia Rubio, pesquisadora da atuação das mulheres no esporte, nos dão um panorama das dificuldades enfrentadas não somente por elas, mas por todas essas guerreiras desportistas que buscam incansavelmente alcançar seu alvo, seu lugar merecido, seja no *podium* ou fora dele.

Esta publicação da Comissão de Turismo e Desporto vem exatamente demonstrar que é possível vencer os obstáculos que, infelizmente, ainda persistem na tentativa de abortar a carreira de muitos valores e potencialidades femininas no esporte do nosso país. Os horizontes, porém, não estão cerrados. Há tempo e oportunidade para investir em nossas atletas e nos esportes femininos, sejam eles individuais ou coletivos.

Como sede das próximas Olimpíadas, em 2016, o Brasil tem o dever moral de abraçar a causa do esporte feminino. Nesta linha de pensamento – e de ação – tramita na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 2.343, de 2011, de autoria da deputada Luci Choinacki, que “Institui 2013 como o Ano Nacional do Esporte Feminino”. É mais uma ação desta Casa Legislativa na tentativa de resgatar o papel da mulher no desporto nacional.

Com a publicação de *Participação das mulheres no esporte*, a Comissão de Turismo e Desporto certamente contribui para o despertar da sociedade e para a tomada de decisões que venham a ajudar na mudança e melhoria do atual cenário do esporte feminino no Brasil.

**Jonas Donizette**

*Presidente da Comissão de Turismo e Desporto*

# Audiência Pública

O SR. PRESIDENTE (Deputado Jonas Donizette) – Na qualidade de presidente da Comissão de Turismo e Desporto, atendendo aos Requerimentos n<sup>os</sup> 87, 88, 94 e 123, de 2011, declaro aberta a audiência pública que tem a finalidade de debater a participação das mulheres no esporte.

A presente audiência pública teve origem em requerimentos de autoria das Sras. Deputadas Luci Choinacki e Jô Moraes, aprovados pelo Plenário em reunião ordinária.

Como é do conhecimento de todos, o Brasil conquistou o direito de sediar alguns dos maiores eventos da indústria mundial do entretenimento: a Copa das Confederações, a Copa do Mundo – Fifa de Futebol, os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, no Rio de Janeiro, no período de 2013 a 2016.

Esse ambiente de debates e investimentos nos esportes e nas estruturas esportivas se faz necessário. Mas também é fundamental chamar a atenção da sociedade para outro setor da população brasileira que fica à margem dos debates e dos investimentos, principalmente nos esportes de alto rendimento, que são as mulheres.

Gostaria de agradecer a todos os presentes o comparecimento.

Convido para a compor a Mesa Cássia Damiani, diretora do Departamento de Planejamento e Gestão Estratégica do Ministério do Esporte; Clélia Mara Brandão, coordenadora-geral de redes públicas da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação; Katia Rubio, professora da Universidade de São Paulo; Aída dos Santos, atleta olímpica do atletismo nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964 – é uma honra recebê-la; Jaqueline Silva, atleta olímpica e medalhista de ouro pelo vôlei de praia nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, e também atleta olímpica da seleção de voleibol feminino nos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, e em Los Angeles, em 1984; Leila Barros, atleta olímpica do voleibol feminino, medalhista de bronze nos Jogos de Atlanta,

em 1996, e de Sydney, em 2000; Amanda Miranda, atleta do futebol feminino do Clube Atlético Mineiro.

Lembro que foram convidados para participar desta audiência pública a Exma. Sra. Ministra Iriny Lopes, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, e o Sr. Carlos Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, que não puderam comparecer por problemas de agenda e não enviaram representantes.

Informo que a lista de inscrição para debates encontra-se à mesa. Os deputados que desejarem fazer uso da palavra deverão registrar seus nomes na referida lista.

Antes de conceder a palavra às componentes da Mesa – eu já fiz a saudação inicial –, quero passar a presidência dos trabalhos para as autoras do requerimento – vou revezar a presidência entre as deputadas Luci Choinacki e Jô Moraes, até como homenagem. Estão presentes as duas, mais a Professora Dorinha, também integrante da Comissão.

Deputada Luci Choinacki, por gentileza, queira ocupar a presidência dos trabalhos; durante o evento, V. Exa. dividirá a condução dos trabalhos com a deputada Jô Moraes.

Muito obrigado. Eu vou, do plenário, acompanhar os trabalhos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Primeiro, agradeço às convidadas a presença. Com certeza, este é um dia especial para nós, mulheres, para esta Comissão, e para quem acredita que a capacidade das mulheres é inquestionável em qualquer área – desde que tenhamos condições, nós exercemos as funções e damos conta do recado. Então, dou parabéns a todas.

Quero registrar que a ministra da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, Iriny Lopes, não pôde estar presente e não mandou nada por escrito porque está na Conferência Nacional de Política para as Mulheres, mas pediu-me que informasse a todos que a Comissão pode contar com o seu apoio; que, após a conferência, dará todo o apoio a esse processo, a tudo o que estamos construindo.

Esta é a abertura de um processo aqui na Casa, porque queremos chegar a 2013 como o Ano da Mobilização do Esporte Feminino no Brasil. Então, é um começo o que estamos fazendo nesta Comissão, e vamos dar continuidade ao processo. Já elegemos presidenta da República uma mulher e queremos agora, cada vez mais, valorizar a mulher. E nós,



deputadas que apresentamos o requerimento, e os deputados vamos continuar falando sobre esse assunto.

Temos um tempo, nesta Casa, para o debate, e estabeleceremos até 20 minutos para cada palestrante. Se puder ser menos, melhor, para abrimos o debate à participação do Plenário, até porque queremos sair daqui com as experiências de vocês, as dificuldades que enfrentaram, as ações que fizeram, para que nos ajudem a levantar proposições e indicar como vamos olhar para frente, a fim de que, cada vez mais, garantamos a participação de mulheres em todas as modalidades, inclusive nas Paraolimpíadas, enfim, em todos os espaços que nós, aos poucos, estamos conquistando a duras penas.

O SR. DEPUTADO ROMÁRIO – Presidente, pela ordem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Pela ordem, com a palavra o deputado Romário.

O SR. DEPUTADO ROMÁRIO – Só para quebrar um pouquinho o protocolo. Seria lindo se em todas as nossas audiências estivessem mulheres maravilhosas como as aqui presentes. (*Risos.*) Parabéns a todas vocês. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Obrigada! Muito obrigada!

Queremos registrar a presença da atleta Ricarda Lima Negrão, que obteve bronze no voleibol nas Olimpíadas de 2000. Parabéns! As mulheres brilharam e vão continuar brilhando.

Passo a palavra, de imediato, à Sra. Cássia Damiani.

A SRA. CÁSSIA DAMIANI – Boa tarde a todas e a todos os presentes.

Trago um abraço muito afetuoso e caloroso do ministro Aldo Rebelo. É uma honra representá-lo neste debate tão importante, numa data significativa. E já parabenizo as deputadas Luci Choinacki e Jô Moraes pela iniciativa, porque estamos em plena Conferência Nacional das Mulheres, que trata de temas dos mais importantes da atualidade: a autonomia da mulher, a conquista de espaços na sociedade, o grande nexos que isso tem em todas as áreas do mundo do trabalho, a valorização do seu papel não só pela exploração – como no esporte às vezes acontece – de sua bela figura, mas pela sua garra, pela sua condição de, como os homens, construir a sua própria identidade, ser valorizada, de igualdade com o homem em postos de decisão, de empoderamento, inclusive no esporte, dirigindo entidades de administração e de prática do esporte.

O Ministério do Esporte vem debater uma questão que hoje enfrentamos: a invisibilidade da mulher no esporte, a invisibilidade da mulher em postos de mando na sociedade. E temos que enfrentar isso não só como uma luta das mulheres, mas das mulheres e dos homens comprometidos com a emancipação humana. Não há sociedade desenvolvida, não há uma sociedade que reconheça os direitos sociais sem que as mulheres estejam em postos de comando também e não só em espaços subalternos, de participação emblemática.

Esse é um enfrentamento histórico. Com certeza, esta Mesa – muito bem composta de parlamentares, de intelectuais, de atletas e de uma gestora pública e professora universitária, como eu – é um bom exemplo de como enfrentar esse problema.

Mas eu trouxe, diante de um quadro que parece negativo nesta quadra da história, possibilidades alvissareiras para enfrentarmos o problema da invisibilidade da mulher, porque estamos discutindo isso no que se refere à formulação de políticas públicas perenes, que se transformem em iniciativas de políticas de Estado. Esse é um problema que começa a ser enfrentado. O Ministério do Esporte vai fazer nove anos de existência e ainda não conseguiu obter sucesso em ações mais duradouras, consistentes e que tenham o aspecto de universalização do acesso. Mas algumas iniciativas são importantes e nós temos que anunciá-las.

*(Segue-se exibição de imagens.)*

Por exemplo: fizemos um levantamento sobre a participação da mulher no futebol, um dos esportes mais desenvolvidos no Brasil, quiçá no mundo, não só pela mobilização social, pelos recursos que é capaz de angariar, mas também pela paixão nacional que desperta. Nele, as mulheres têm uma participação bastante inferior, diferenciada, por falta de condições de estrutura, por impedimentos que podemos dizer que são muito mais de aspectos culturais do que de possibilidades, vontades e demandas para que aconteçam.

Então, para enfrentar isso, pelo menos em relação ao Estado no âmbito federal está sendo criada uma coordenação especial que a Michael Jackson, nossa querida Michael, vai dirigir: uma coordenação de futebol feminino. Vamos começar por esse esporte que é uma paixão nacional, que é mais do que uma modalidade esportiva para nós – ela é bem emblemática. A partir daí, vamos fazer um mapeamento, um diagnóstico e debater seus problemas na linguagem de quem pratica: as jogadoras, as iniciantes que não têm espaço e acesso nas escolas, por preconceito às

vezes, mas também por falta de incentivo, de estímulo e de uma formação apropriada pela academia.

Mas as outras modalidades também – olímpicas, não olímpicas e paraolímpicas – sofrem esse tipo de óbice. Nós fizemos um levantamento sobre alguns aspectos. Eu trouxe cópias – vou distribuí-las, ao final da sessão – desse levantamento que fizemos sobre a situação do futebol feminino no Brasil, exatamente pensando na Copa, pensando nos legados que vão ficar para o Brasil após o evento e também após a Copa das Confederações.

Uma das grandes iniciativas que o Estado pode fazer, como uma política perene, é criar espaços de prática, estruturar uma política como incentivo para a prática esportiva, principalmente na modalidade do futebol.

Pelo levantamento do *Atlas do esporte no Brasil*, há aproximadamente 402 mil mulheres praticantes de futebol. Em relação aos outros esportes, esse número é muito inferior. E nós sabemos que esse diagnóstico ainda não é preciso, pela metodologia utilizada.

Então, nós estamos fazendo um levantamento nacional que nos dá um recorte de participação e de atuação nesses espaços.

Esses dados são só para registro.

Nós trouxemos também o mapeamento dos clubes federados. Esses são os clubes oficiais. É um percentual – também está no material que eu trouxe – repartido por estado, para ver a diferença. Alguns estados são um pouco mais avançados nas condições de organização e de apoio estrutural para a modalidade. Mas, além dos óbices da falta de patrocinadores, das condições adversas pela falta de interesse na venda inclusive do direito de imagem dessas competições, todos esses fatores, sem entrar em detalhes, levam a modalidade a ser também subvalorizada em relação à modalidade masculina, diferentemente do que acontece no vôlei e no basquete, que conseguiram conquistar um grau de equilíbrio por conta de todo um processo, inclusive mais profissionalizado no campo da organização e da administração da confederação.

Isso tudo tem a ver com um grande projeto de elevação do padrão, que pode ser um legado mesmo no tocante a esses grandes eventos, não só a Copa, mas as Olimpíadas, ou seja, desenvolver um processo de profissionalização, com contrato de governança que preste contas dos recursos utilizados. E prestar contas não somente da área contábil, mas também com um plano de desenvolvimento das modalidades. E o

futebol feminino e as outras modalidades femininas devem entrar nesse escopo como um grande legado. A presidenta Dilma colocou os legados como um dos desafios dessa Copa, como já havia sido colocado pelo ex-ministro Orlando Silva, e, agora, o ministro Aldo Rebelo coloca, na direção de tentarmos identificar objetivamente os problemas e enfrentá-los com políticas mais estruturadas.

No restante da apresentação, eu trago outras agendas, que não só são voltadas ao alto rendimento, fóruns e espaços para debater, que estamos compondo com algumas câmaras ligadas à Presidência da República. O Ministério do Esporte tem assento em todas as câmaras. Temos uma agenda lilás com a Secretaria de Políticas para as Mulheres. Estamos estruturando duas atividades: um seminário para discutir exclusivamente a participação da mulher no esporte, discutir um diagnóstico com as intelectuais, com as atletas, gestoras públicas que atuam no setor, como também a criação de uma medalha do mérito esportivo.

Também participamos de um debate sobre a utilização do tempo das mulheres em nossos programas sociais. Eu trouxe duas publicações, mas o programa Segundo Tempo, nas suas diretrizes, hoje, já dá uma orientação sobre gênero, como também muitas publicações. E vamos debater também, ao final, a questão da essência da visibilidade do enfrentamento com políticas.

Mas não basta o enfrentamento com políticas. Temos de debater também questões no âmbito econômico, a base estruturante. Apesar de as mulheres comporem a maioria da população ativa, as suas relações em termos de trabalho são inferiores. Se olharmos no Bolsa Atleta o número de mulheres remuneradas a partir dessa política pública do Ministério do Esporte – a concessão de bolsas para atletas desde a categoria estudantil até a de alto rendimento e, agora, com a chamada Bolsa Pódio, para atletas que já têm um ranqueamento, que estão entre as 20 melhores –, percebemos que houve um crescimento muito grande na participação de mulheres em relação a homens.

Isso significa uma conquista importante, porque as mulheres passaram a disputar o direito de receber essas bolsas. Não há reserva de bolsas para mulheres, há reservas de vagas, por exemplo, em alguns programas sociais do Ministério do Esporte. Estamos trabalhando com os legados em impacto de grandes eventos, em que as meninas e as jovens passarão a ter uma reserva de 50% para serem beneficiárias e a utilizarão

na parte de iniciação esportiva em todo o Brasil, principalmente nas 12 cidades da Copa.

Trouxe esses comentários para demonstrar o tipo de investimento quantitativo/ano e mostrar como cresceu a participação da mulher na conquista dessas bolsas.

Sobre a distribuição das mulheres bolsistas no Brasil, há uma concentração muito grande no Sudeste, no Sul e parte do Nordeste, que começa a crescer. Isso significa que temos de enfrentar também as desigualdades regionais.

Por que o Bolsa Atleta? Porque o Bolsa Atleta é um dos programas mais estruturados que estamos fazendo não só para bem organizarmos os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, mas também para disputarmos em iguais condições as medalhas. Não adianta fazer uma festa se não formos comer um pedaço do bolo.

Aí, mais dados que deixarei para os senhores terem acesso.

Aí, modalidade por modalidade e o nosso plano estratégico de 2012 para os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos em Londres. Nós precisamos discutir isso com um planejamento.

Gostaria de encerrar a minha participação dizendo que essas são as iniciativas que estão sendo organizadas, algumas já concretizadas em programas, com passos pequenos e com muita compreensão. Eles são dados em espaços de debates como esses, em fóruns, como a Conferência Nacional do Esporte, que mobilizou mais de 220 mil pessoas para debater o Plano Nacional do Esporte e contou com a participação de 45% de mulheres – tínhamos uma meta de 30%. Agora, podemos abrir o debate e dizer: estamos colhendo ideias, sugestões; queremos profissionalizar no sentido de organizar essas políticas para serem políticas duráveis. Independentemente do governante, essas políticas têm de ser tocadas como políticas de Estado.

Muito obrigada, deputada e colegas da Mesa.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Passamos a palavra para Katia Rubio, professora da Universidade de São Paulo, que dispõe de 20 minutos. Se precisar, de um pouco mais.

A SRA. KÁTIA RUBIO – Boa tarde.

É uma honra estar aqui hoje tratando desse tema que, há 15 anos, é meu tema de trabalho, de pesquisa. Há 15 anos eu estudo a história e

a trajetória dos atletas olímpicos brasileiros. Por meio dessas histórias, começo a ter um panorama do que é o esporte olímpico brasileiro.

*(Segue-se exibição de imagens.)*

Para termos uma breve noção da construção da participação feminina no esporte, na Antiguidade a mulher era excluída da prática esportiva, porque não era considerada cidadã – e os Jogos Olímpicos eram privilégio dos cidadãos. Então, mulheres e escravos eram excluídos da prática competitiva olímpica por não terem o exercício da cidadania.

Na edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, esse argumento é desfigurado, e o argumento utilizado é quase biológico. Há escritos de Pierre de Coubertin em que ela justifica, por exemplo, a ausência das mulheres nos jogos de 1896 com o argumento de que as mulheres eram frágeis dos nervos. Portanto, elas não tinham condições de participar da competição, porque isso era próprio do masculino, ser viril, forte, combativo. Esse argumento foi associado à figura masculina como sendo os donos de uma prática esportiva competitiva.

No Brasil, isso ganha contornos próprios, uma vez que grande parte da responsabilidade pela construção do esporte olímpico brasileiro foi dada basicamente pelos imigrantes europeus que chegaram ao Brasil no final do século XIX e no começo do século XX.

Vamos observar, num primeiro instante, a prática do esporte feminino sendo desenvolvida basicamente nos clubes ou em comunidades, sobretudo nas comunidades alemã e italiana.

Falando especificamente das mulheres, vamos observar que o Brasil começa a participar dos Jogos Olímpicos internacionais a partir de 1920. Até 1932, a participação brasileira era exclusivamente masculina. É a partir de 1932, com Maria Lenk, que isso se transforma, e as mulheres brasileiras passam a participar dos Jogos Olímpicos.

Desde então, temos 1.678 atletas brasileiros que foram a Jogos Olímpicos – 390 mulheres e 1.288 homens. Começamos a observar, então, a disparidade desses números.

Neste *slide*, vemos como se deu a participação masculina e feminina.

Até 1932, não temos mulheres participando. De 1932 até 1952, temos até um número considerável de mulheres. Em 1956, 1960 e 1964, temos uma única mulher. Uma delas é esta fantástica atleta, que está aqui conosco agora, a Aída dos Santos. Em 1964, ela vai como única mulher da delegação brasileira. Não vou me antecipar à história dela, porque quem

contará será ela própria, mas ela quase chegou a ter uma medalha, ao ficar na quarta colocação no salto em altura sem ter a companhia de uma única pessoa da delegação durante a prova.

Essa situação começa a se transformar a partir da década de 80, quando acontece o fenômeno da profissionalização no esporte brasileiro, sem que isso represente conquistas de fato e de direito no campo da gestão e das comissões técnicas. Ainda não há mulheres nos postos de assistentes técnicas, em postos de comando nas comissões ou mesmo na gestão das federações e confederações. Não enche uma mão o número de mulheres que estão nos postos de liderança do esporte.

Se a primeira participação masculina representou medalhas já em 1920 (uma de ouro, uma de prata e uma de bronze no tiro), no feminino, embora as mulheres participem dos jogos desde 1932, as medalhas só foram ser conquistadas por elas pela primeira vez em 1996. E esta mulher aqui, Jaqueline, é a nossa primeira medalhista de ouro da história do esporte olímpico brasileiro.

Naquela primeira edição, foram conquistadas quatro medalhas: a de ouro e a de prata, no vôlei de praia; a de prata, no basquetebol feminino, e a de bronze no voleibol feminino – ainda não entrevistei a Leila, para ter sua história.

Falei do ponto de vista dos números absolutos; agora, vamos observar o que isso significa do ponto de vista percentual. Há 89 medalhas conquistadas pelos atletas brasileiros, considerando-se todas as modalidades, individuais e coletivas. Isso significa que existe o total de 230 atletas medalhistas, sendo 168 homens e 62 mulheres.

Mas começamos a ganhar medalha quando? Em 1996. Se olharmos em termos percentuais, vejam o que isso significa: embora os homens participem dos Jogos Olímpicos desde 1920 e tenham conquistado a primeira medalha em 1920, isso representa 13,4%...

(Não identificado) – Estamos na frente. (*Palmas.*)

A SRA. KÁTIA RUBIO – Esses números denunciam uma questão que Cássia Damiani começou a nos apresentar.

Observamos, com o estudo realizado alguns anos atrás, que o que faltou e falta às mulheres atletas brasileiras é uma política pública para o esporte feminino. Lembro, inclusive, que algumas modalidades, como as lutas e o futebol feminino, foram proibidas por lei, durante mais de

20 anos, nas escolas. Era proibido por lei, pelo então CND, que essas práticas se desenvolvessem nas escolas.

Ora, se não há uma política de esporte para o desenvolvimento dessas modalidades, as mulheres continuarão a dançar balé. Não que o balé não seja bonito e desejado, mas continuaremos a tentar arremessar as bolas que nos prendem ao chão e não nos permitem voar.

Espero que esta reunião nos permita pensar em estratégias e políticas que, efetivamente, contribuam para o esporte feminino no Brasil, ou esse percentual que iremos ver só ficará no plano do desejo.

Esse livro foi lançado há dois meses e é fruto dessa pesquisa em relação às mulheres olímpicas brasileiras. Continuo com a minha pesquisa com os atletas olímpicos brasileiros. Aliás, aproveito para fazer o convite à Leila e ao deputado Romário para me concederem entrevistas, a fim de que eu também possa contar a história deles.

Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Concedo a palavra a Clélia Mara Brandão, coordenadora geral de redes públicas da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação.

A SRA. CLÉLIA MARA BRANDÃO – Meus cumprimentos a todas e todos os presentes; ao deputado Jonas Donizette, que preside a Comissão de Turismo e Desporto; e, em especial, às deputadas Luci Choinacki e Jô Moraes, responsáveis por este momento tão importante.

Aproveito os momentos finais da intervenção da profa. Katia Rubio, porque falarei de outro aspecto que dá norte e que faz com que se perpetue essa condição de pouca visibilidade, de pouco espaço e, em inúmeras vezes, de pouco respeito ao talento esportivo das mulheres brasileiras, que é a escola. Falo, portanto, da escola pública.

Como bem lembrou a profa. Katia, não faz muito tempo que determinados tipos de práticas esportivas eram proibidas, por estabelecerem contatos físicos ou propiciarem que, de alguma forma, as meninas pudessem perder sua feminilidade. Mulher bonita era a mulher sem músculos. Historicamente, o tênis era algo legal, relegado às classes políticas mais abastadas; a natação era um esporte interessante, relegado também às classes políticas mais abastadas, e as meninas das escolas públicas brasileiras, estas, só a sorte as salvava.

Mas, passadas essas intempéries restritivas que tivemos em diferentes momentos sociais, respirando os momentos democráticos pós-1988,



LDB de 1996, Plano Nacional de Educação de 2001 e o marco dos PCNs em 1998, em que, de lá para cá, a educação física escolar, porque é assim que nós chamamos, teve alteradas suas condições?

Vamos por partes e tentando entender onde ainda estamos. A escola não é uma ilha. A escola pública refaz, muitas vezes, todo o espírito constituído socialmente. E ainda que a prática da educação física escolar tenha ampliado seus horizontes, e a ginástica e o próprio esporte tenham entrado como perspectiva do desenvolvimento humano, social, cidadão e também do corpo, muitas vezes nos deparamos com situações perceptíveis do ponto de vista da discriminação. Mesmo que essa não seja percebida no âmbito da escola, por diferentes possibilidades, há divisão entre meninas e meninas na prática e na hora do esporte. O que as meninas fazem e o que os meninos fazem ainda, em alguma medida, é algo praticado nas nossas escolas.

O que as redes e sistemas têm orientado é uma prática de educação física escolar, antes de mais nada, não sexista, que possibilite tanto a meninos e meninas o desenvolvimento esportivo, o desenvolvimento e o conhecimento do corpo e a possibilidade de práticas não balizadas por comportamentos ou por estereótipos sociais do que é permitido ou não permitido.

Essa tem sido a conduta em respeito aos parâmetros curriculares estabelecidos no país, em respeito à Constituição e à Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que nos dão as balizas nesse particular.

Há outro norte que ainda vivenciamos, embora o último período tenha sido de grandes possibilidades construtivas, de melhora da educação pública brasileira. Eu não sei se as senhoras e os senhores sabem, mas, segundo dados do Censo Escolar de 2010, 55,7% das escolas que ofertam anos finais do ensino fundamental – anos finais são crianças do 6º ao 9º ano – não têm quadras esportivas. Apenas 75,7% das escolas de ensino médio oferecem quadras esportivas. Nas que oferecem, há um dado ainda preocupante: a ausência de profissionais da educação física. O percentual das escolas públicas brasileiras que oferecem educação como disciplina, no ano de 2009, foi de 59,7%.

São dados que demonstram que temos de seguir passos, e passos urgentes, para potencializar, primeiro, o exercício da prática cidadã e do respeito à Constituição da República, que pressupõe cultura, esporte e lazer para todos e para cada um dos estudantes brasileiros. E, depois,

trabalhar a prática da educação física escolar e do esporte como direito de todo estudante brasileiro.

As ações em curso no Ministério da Educação apontam dois caminhos para a superação dessa dificuldade: primeiro, o programa Mais Educação, que consideramos uma estratégia com vistas ao período integral – a criança, o jovem e o adolescente poderem ter um momento a mais na sua prática escolar.

E, dentro desse programa, temos o macrocampo de esporte e lazer, que oferece uma gama de possibilidades de incorporação das práticas de esporte e de lazer na vida cotidiana do estudante – meninas e meninos, indistintamente – das escolas públicas brasileiras, partindo das atividades e propiciando o material e formação para práticas que vão do atletismo à ginástica rítmica, ao handebol, ao taekwondo, tênis de campo e tantas outras modalidades.

Outro aspecto da nossa ação, essa de modo mais prático, é a cobertura de quadras que está pautada no Plano de Desenvolvimento da Educação e também no PAC, que prevê que até 2014 o Ministério da Educação, por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, disponibilizará recursos para municípios e estados construir quadras esportivas ou, quando da existência delas, poderem fazer a sua cobertura, prevendo-se 6.116 quadras até o final desse período.

O que significa isso, em termos práticos? Primeiro, prevê, com base nesses dados, a destinação de recursos, capacidade técnica e formação continuada para que docentes e profissionais da educação atuem de modo indistinto na educação física escolar, visando que meninos e meninas, adolescentes homens e mulheres, jovens homens e mulheres tenham acesso a essa prática, sem distinção. Esse é outro problema histórico.

Segundo, oferecer recursos e infraestrutura para que, em local digno, as crianças da escola pública brasileira possam ter o primeiro contato, ainda em tenra idade, com a educação física, com o esporte.

E há outro aspecto – e aí parabenizo mais uma vez as autoras desta audiência – que é o envolvimento de vários outros atores nesse particular. Como lhes disse, se a escola não é uma ilha e se, em várias medidas, acabamos por reproduzir conceitos, preconceitos e estereótipos que a sociedade construiu, é também por meio da escola que fazemos a desconstrução desses estereótipos e desse processo discriminatório. Mas não o fazemos sozinhos. Fazemos com o envolvimento de diferentes setores da sociedade. E o fato de dar visibilidade a tantas mulheres im-

portantes repercute à medida que as meninas da escola passam a ter um espelho. Se foi possível para essas pessoas, por que não pode ser possível para elas também?

Esse é um outro aspecto importante: ter um espelho. Não ter em quem se espelhar, muitas vezes, faz com que fique mais difícil meninas ingressarem no mundo esportivo. E aí nós solapamos inúmeros talentos.

Outro aspecto bastante interessante da nossa atuação na educação é o de que, se não fazemos as coisas de modo isolado, é importante, nos marcos da sociedade, que possamos congregiar diferentes esforços para fazer com que meninas percebam que podem praticar, sem perder nenhum traço de feminilidade, todo e qualquer esporte, porque homens e mulheres podem, respeitando as suas diferenças e as suas particularidades, ir aonde os seus sonhos e possibilidades almejam.

Espero compartilhar do debate e, atendendo à solicitação da deputada Luci, encerro as considerações iniciais por ora.

Estou à disposição para questões que os senhores e as senhoras possam vir a ter com relação à educação e à escola pública brasileira.

Obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Muito obrigada.

Agora vamos passar para a experiência das nossas atletas. Mas, primeiro, quero fazer aqui uma brincadeira, mas que é muito séria. Em relação ao esporte, a preocupação era que as mulheres iriam perder os seus traços de feminilidade; mas quando, no Nordeste, a mulher carrega uma lata d'água na cabeça, aí não tem problema nenhum. Lá na roça, diante dos cestos de pasto que eu carregava, ninguém discutia se eu iria ser mais feminina ou menos feminina. O preconceito ajeita justificativa, quando quer. Quando queremos, discriminamos e criamos formas, frases e conceitos.

Quero dizer isso porque a gente viveu como pode, não é? Quando a gente quer, a gente discrimina e cria formas, frases e conceitos para defender o preconceito.

Agradeço às expositoras e também aos parlamentares homens que estão aqui presentes. Quero dizer que isso também reflete a atenção de que quem está aqui está valorizando essa participação e reconhecendo a importância democrática das mulheres em todas as dimensões, inclusive no esporte.

Agora nós entraremos na outra parte.

Passo a palavra à Sra. Aída dos Santos, que vai falar das suas experiências, dificuldades e do sucesso, porque dizem que quem tem medo jamais sabe o que vai acontecer, nem o que é sucesso ou derrota. Quando a gente perde o medo e tem coragem, a gente sabe o que é sucesso e o que é derrota. As duas podem viver, e as duas a gente consegue compreender e saber que fazem parte das nossas experiências de vida, em todas as dimensões.

Com certeza, é com muita alegria que nós a recebemos aqui nesta Comissão.

A SRA. AÍDA DOS SANTOS – Obrigada.

Em primeiro lugar, boa tarde a todos. Quero falar também, como foi dito aqui pelo Jonas, que não é só no Norte e Nordeste que se carrega água na cabeça; eu sou de Niterói e sempre carreguei água na cabeça. Não sou do Norte ou do Nordeste, não!

Eu entrei para o atletismo por um acaso. Nasci e me criei no morro, lá em Niterói, e estudava num colégio semi-interno, de segunda a sábado. Só havia folga aos domingos. Mas então eu não conhecia atletismo. Sempre gostei e gosto até hoje de voleibol. Tanto que agora eu faço *master* em voleibol e atletismo dentro do Brasil e fora do Brasil, mesmo com 74 anos.

Uma colega minha praticava o atletismo. E eu, quando queria jogar voleibol, quando chegava ao Caio Martins, via que só havia três colegas para fazer o voleibol. E aí aquela minha colega me convidava para fazer atletismo. Eu falava: “Não vou para o atletismo, não. Você quer é me cansar.” Um belo dia, ela me falou: “Olha, Aída, se hoje você chegar ao Caio Martins e não tiver quórum para o voleibol, e se você não fizer atletismo, você vai voltar para casa a pé.” Infelizmente, ou felizmente, aconteceu isso. Então eu tive que praticar o atletismo.

Então, nessa hora, eles estavam treinando salto em altura, e o recorde do estado do Rio era da Carmosina Reis, com 1m45cm. E, quando me chamaram para saltar, sem ter técnica, sem ter nada, eu saltei 1m40cm. Aí eles falaram: “Você vai praticar o atletismo, vai praticar o atletismo.” E eu falei: “O que é isso?” Porque eu não sabia. Sobre atletismo eu só ouvia falar em Adhemar Ferreira da Silva e de José Telles Conceição. Mais nada.

Quando eu voltei a minha casa, eu falei para o meu pai que eu ia fazer atletismo, e ele me falou: “Nada disso!” Mas, logo em seguida, houve uma competição chamada Rubens Esposel, no clube do Fluminense, em

Niterói. Então, o técnico de Niterói me inscreveu para que eu fosse competir. Pedi a meu pai e ele não deixou que eu fosse. No dia seguinte, perguntaram: “Por que você não compareceu? Eu respondi: “Porque meu pai não deixou que eu fosse.” Mas, aí, a competição tinha sido transferida para 15 dias depois. E, aí, essa minha amiga que me dava carona pediu a meu pai que eu fosse assistir à competição, não que eu fosse competir. Eu menti. Espero que ninguém minta mais, não; mas eu tive de mentir. Competi; e, chegando lá, comecei a fazer salto em altura.

O saldo em altura começa com altura mínima de cada competidor. Havia atletas do Flamengo, do Vasco, do Fluminense, e eu era do Fluminense Atlético Clube de Niterói; e eu ganhei a prova com 1m50cm. Isso foi em 1957.

Saí em vários jornais: a maior revelação para as Olimpíadas de 1960. Houve a Olimpíada de 1960, mas não me comunicaram, não me falaram nada. E, quando eu cheguei a casa com minha medalha da Rubens Esposel, eu a mostrei ao meu pai, que me falou assim: “Você trouxe dinheiro?” Eu falei: “Não. Eu trouxe medalha.” Ele me bateu e falou: “Pobre tem que trabalhar para ajudar a família e não trazer medalha. Medalha não enche barriga de ninguém!” E me proibiu. Então, eu fiquei um tempo sem competir.

Depois surgiu uma colega minha que praticava esporte pelo Vasco. Aí me chamou para ir para o Vasco. E lá fui eu escondida do meu pai para o Vasco. Então, como eu tinha vê-la competindo, eu fui para o Vasco competir. Fiquei no Vasco de 1959 até 1964. Nesse ínterim, eu participei de sul-americano e de ibero-americano na Espanha.

Aí, um belo dia, chegou um presidente do Vasco que queria só o futebol; e acabou com todo o esporte amador. E eu fiquei sem competir no esporte. Aí, vários clubes me convidaram. Sendo eu botafoguense, eu fui para o Botafogo, em 1964.

Houve uma competição, que há até hoje, chamada Troféu Brasil. Então, houve o Troféu Brasil em São Bernardo. Não sei se vocês têm conhecimento de que no esporte individual tem que se fazer índice. Exemplo: na natação, no atletismo, você precisa fazer índice. Então, fui competir, mas não estava cogitada entre as atletas que iriam às Olimpíadas. No atletismo, tinha o 4 x 100, e a Érica estava para fazer os 200 metros. Inclusive, eu servi várias vezes de “coelho” – não sei se vocês sabem o que é “coelho” – para a Érica tentar o índice. Mas ela não conseguiu.

Eu, competindo no salto em altura, fiz 1m65cm. E a Maria da Conceição, minha colega, fez 1m71cm. Aí nos disseram: “Vocês duas já estão dentro do índice”. Qual a minha intenção? “Como já estava de turista, então, ia ter que treinar para competir no Japão. Mas não foi isso, não. Nos obrigaram a fazer mais cinco eliminatórias, com meninas de São Paulo, de São Bernardo, de São Caetano. Moral da história: cinco eliminatórias. E, nessas cinco eliminatórias, eu sempre fazia 1m65cm. Se o índice fosse 1m68cm, eu não conseguiria. Chegou o dia 6 de setembro. Como eu morava no morro, eu tinha uma colega que morava em baixo, na rua, que me emprestava endereço para correspondência. Era da casa dela. Aí, ela chegou lá em casa e falou: “Aída, vim te avisar que ligaram; você tem que ir amanhã ao Maracanã, 7 de setembro, que é a última eliminatória. Se você quiser participar, pode até ficar concentrada no Maracanã. Você vai de manhã, se concentra, porque a eliminatória será às 14h”.

Eu falei com minha mãe. Minha mãe disse: “Você pode ir, mas primeiro tem que carregar a água, lavar roupa, encerrar a casa com o escovão. Depois você vai”. Assim, eu fiz tudo isso. Quando cheguei ao Maracanã, falei para o técnico: “Olha, técnico, não quero mais essa tal de Olimpíada. Nem conheço a Olimpíada”. E ele perguntou: “Você se concentrou?” “Concentrei... Lavei, passei, carreguei água, fiz tudo isso”. “Mas minha filha, você tem que fazer, você tem que insistir”.

Insisti. E fiz. Consegui 1m65cm. E a Maria da Conceição, nas cinco eliminatórias, só conseguiu 1m62cm. Falaram, então, “Aída, só você é que vai”. E se virou para o chefe da delegação: “Ah, mas ela não tem uniforme?! E agora?” Era eu a única mulher, porque todos os homens já tinham uniforme. Falei: “Tenho um conjunto americano, uma saia cinza, uma blusa branca e um capote azul turquesa com as argolas olímpicas”. Falaram: “Então, é com esse uniforme que você vai”.

E fui com esse uniforme, sem técnico e sem material para competir.

Cheguei ao Japão e nos separamos. Na minha época, separavam: alojamento masculino de um lado; feminino de outro. Fui ao meu alojamento, e a japonesa queria que eu assinasse uma lista. Ela não me entendia, e eu não entendia ela. (risos) Então, só assinei o meu nome. Mas ela apontou e ficou fazendo: “nananananã...” Ah! A data do meu nascimento! (risos) Foi só isso que assinei. E aí fui para a Vila Olímpica. Era um quarto com quatro camas. Fiquei lá sozinha. No dia seguinte, gente, eu

perguntava: Como é que eu vou treinar? Onde está a equipe masculina, que eu não sei?

Saí, encontrei uma bicicleta e comecei a pedalar. O que eu fazia era andar de bicicleta e chorar, mais nada. Dentro da Vila Olímpica existia uma pista. Por mais que vocês tenham conhecimento em Olimpíada, existem várias pistas, e essas pistas são para cada país treinar. Mas como eu era a única do Brasil, tinha que ficar naquela ali mesmo. Então, eu vi lá a Iolanda Balas, que foi a campeã em 1964, e outras mais treinando com técnico. Eu ficava sentada, chorando, e elas treinando com técnico. Elas tinham dois ou três técnicos. Eu não tinha ninguém.

Quando guardavam o material, eu ia atrás do japonês por mímica. Quando eu o via guardar o material, apontava para ele pegar, e aí ele me dava o material para eu treinar. Se estava fazendo certo ou errado, eu não sei. Na semana da competição, perguntei: como é que vai ser, porque não tenho sapato para competir? Estava chorando. Aí veio o Ralph Boston, dos Estados Unidos, e me falou: “Qué te pasas, Brasil?”. E falei: “Passa tudo, porque eu não tenho material!” (risos)

Mais à frente, veio o Lázaro Bettancourt, cubano. Falei a ele a mesma coisa. Aí, ele me levou à Adidas para pegar o material. Eu peguei o sapato de pregos, peguei a bolsa e o tênis. Quando ele foi ver na lista, viu que o Brasil não tinha botado o meu nome. Aí eu tive que devolver tudo. E voltei a chorar: “como é que eu vou competir?” Aí, ele me levou para a Puma, onde aconteceu a mesma coisa. Aí eu chorei tanto, tanto, que ele resolveu me dar um sapato de sprinter, de corredor de 100 metros. “Ou eu vou com esse sapato ou eu não vou competir”.

Eu perguntava: “Na minha competição, quem vai me levar, como é que vai ser?” Aí apareceu um jipe, que me levou para o estádio. E como é que ia ser? Como eu conhecia algumas atletas de outras competições, aonde elas iam com o técnico delas, eu ia atrás. Porque eu não tinha ninguém. Aí elas entraram numa sala com os técnicos, e eu fiz a mesma coisa. Lá na sala havia bancos laterais e um painel no centro com os números. Eu sei que, quando o técnico apertava, acendia-se o número que correspondia à camisa da atleta. Então, meu número era 22 – não me esqueci. Apertei o 22 lá. Então, respondi à minha chamada. E voltei.

Depois, veio um outro dirigente do Japão que fez uma pergunta a todos os técnicos, que disseram “não”. E aí me perguntou. E eu também disse que não. Até hoje não sei qual a pergunta que ele fez! (risos) Eram 20 atletas. Fomos para o estádio competir. Lá, dividiram 10 atletas num

círculo de arremesso, no leque, outras no outro. Eu fiquei. Agora, aquela história: aqui no Brasil, eu estava acostumada a saltar, cair na terra, na areia. Lá, a pista era de tartan e ainda tinha colchão de espuma. Num dos meus saltos, eu torci o pé. Só que quando torci o pé, felizmente eu já tinha feito o índice, que lá foi de 1m70cm. E eu fiz 1m70cm. Então, “você está para a final, com as 15 para a final. E você tem que voltar à noite para ir para a final”. Aí olhei o estádio cheio, e não vi uma só bandeira do Brasil. “O que faço? Para onde vou?”

Como estava com fome, entrei num restaurante, apontei para um sushi de camarão, e comi. Eu tinha comigo uns ienes. Pois levaram todos os ienes que estavam na minha mão – não sei se fiquei devendo ou não. (risos) Saí no horário mais ou menos que ficou marcado. Aí, veio a Miguelina Cobián, cubana, que me falou: “O que houve, Aída?” Eu contei. Ela chamou o médico de Cuba, que fez uma bota de esparadrapo no meu pé, para eu poder competir a final.

Na final, começou tudo de novo. Depois que eu saltei 1m74cm, estava em terceiro lugar, porque a russa, que ficou em terceiro, não havia passado na primeira tentativa – ela passou na terceira. Foi aí que eu peguei a chance. Mas, quando passou a marca de 1m78cm, sinceramente, eu já não tinha mais condições psicológicas. Eu estava ali porque tinha que continuar saltando, mas não tinha mais nada para saltar. E fui saltar nas três tentativas porque tinha que fazer, entenderam? Acabou tudo ali. Pedi uma carona e voltei para a Vila Olímpica. Quando cheguei, o pessoal me dizia: “Torci por você”. E eu falava: “Torceu onde, que eu não vi nenhum brasileiro lá?”

“Em que lugar você ficou?” “Em quarto”. “Mas você deu uma dentro!” Mas, sinceramente, lá eu estava tão chateada... Aqueles brasileiros que estavam lá, que não me davam apoio, ainda me chamavam de turista quando se encontravam comigo. Turista!

Sinceramente, se vou defender o Brasil, tenho que ter garra. Então, eu estava preocupada com o Brasil que eu deixei aqui. Se eles sabiam que eu estava lá ou não, isso não me interessava, porque eu tinha que representar bem o meu país. Fiquei em quarto lugar, mas aquele quarto lugar para mim representou o primeiro lugar!

Agora, eu criei uma ONG de crianças carentes, de 7 a 16 anos, e não tenho ajuda do governo; sou só eu. Da família, tem a minha filha Valeskinha, que ajuda, e mais alguns amigos. Nessa ONG eu já encaminhei um menino para o atletismo (porque é vôlei e atletismo), en-



caminhei um menino para a Marinha, e há uma menina que já está no Botafogo e que já pegou a seleção infantil. São da minha ONG. É isso aí!

Muito obrigada!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Muito obrigada. Isso é que é ser uma vencedora! Esse é o exemplo de uma mulher que venceu na nossa participação em visibilidade. Mas ainda temos muito para fazer. Dou-lhe parabéns porque você nos representou e representa, como todas as outras que estão aqui.

Convido agora a Jô. Nós duas efetuamos uma iniciativa em conjunto de dividir os espaços. Ela agora coordena esta parte.

Muito obrigada. Depois nós entramos no debate.

A SRA. DEPUTADA JÔ MORAES – Tenho a impressão de que os parlamentares que estão presentes, com toda certeza, vão apoiar nossa proposta de criar, no próximo ano, um grupo de trabalho que transforme 2012 no ano do esporte feminino neste país, porque sem dúvida nenhuma esse depoimento é “a força!”

Passamos agora a palavra para a nossa querida Jaqueline Silva, atleta olímpica e medalhista de ouro pelo vôlei de praia nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, e também atleta olímpica da seleção de voleibol feminino nos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, e de Los Angeles, em 1984, que dispõe de 10 minutos.

A SRA. JAQUELINE SILVA – Quero agradecer, primeiro, pelo convite para participar da Comissão e pela oportunidade. Depois desse depoimento da Aída, é muito forte falar qualquer outra coisa assim, porque é impressionante!

Esse depoimento foi, na realidade, o resultado do melhor posicionamento do esporte feminino no Brasil. Depois disso, tudo o que aconteceu... Porque aquela foi a primeira vez em que uma atleta feminina do Brasil conseguia um quarto lugar numa Olimpíada. Isso foi incrível!

Bom, achei ótimo esse convite, antes de tudo, para poder falar e não ter medo de nenhum tipo de reação, sem ter que me preocupar com o que as pessoas vão pensar, se vão levar aquilo para o lado rebelde. Eu sempre tive muito essa coisa, talvez porque tudo começou com uma discussão sobre uma diferença.

Na realidade, na época mesmo, quando eu era jogadora de seleção brasileira, muitos anos atrás, logo no crescimento do voleibol, quando o voleibol começava a se profissionalizar, o time masculino e o time

feminino do Brasil começavam a crescer... Foi na época da Seleção de Prata masculina – não sei se vocês se lembram dessa época. E o time feminino do Brasil era um time também que chamava muito a atenção por ser o primeiro esporte feminino coletivo que tinha uma certa qualidade. Então, foi logo quando esse esporte começou a se profissionalizar e os patrocinadores começaram a ocupar um lugar nesse esporte, que até então era amador.

Naquela época, as seleções brasileiras, a masculina e a feminina, vestiam uma mesma camisa com o nome de um patrocinador, mas só quem recebia o dinheiro pelo patrocínio eram os meninos. E aquilo era muito comentado dentro do vestiário das meninas. Nós sempre falávamos que aquilo era um absurdo, que aquilo não podia continuar assim; e isso era sempre levado para dentro do vestiário.

Em uma ocasião eu trouxe isso à tona. Eu questionei isso aos dirigentes da época. Por que essa diferença, já que os dois times tinham o mesmo patrocínio? Aquilo não causou uma boa coisa; veio à tona uma coisa muito ruim, sabem? Veio à tona uma certa arrogância por parte dos dirigentes, tipo “como assim, questionar? – isso não se questiona”.

E fui levada ao pé da letra. Acabei, naquela época, sendo cortada da seleção brasileira porque me recusara a usar o uniforme com patrocínio, mas sem o auxílio. E aquilo me causou muitos problemas, porque eu nem tinha essa ideia na época. Eu não pensava muito na questão de ser mulher ou de ser homem; eu pensava muito na questão da justiça. Eu queria justiça.

Também não estava ali querendo fazer uma revolução, nós todas juntas, porque, na hora, ninguém entrou nessa questão; só eu mesma é que levei ao pé da letra. Aí fiquei sem lugar para jogar no Brasil, totalmente. Não só fui cortada da seleção brasileira, como nenhum outro time no Brasil me contratou. Então, fiquei muito assim... Quase fiquei doente mesmo. E, numa sorte, um dia, eu pensei na última Olimpíada que eu tinha jogado pelo Brasil, a de Los Angeles, nos Estados Unidos. Vi que lá tinha campeonatos de praia, tinha uma certa organização na praia. Eu tinha amigos, na época, como o Bebeto, que jogava nos Estados Unidos. Fiz contatos e fui para os Estados Unidos, mas muito chateada. Não queria mais ver o Brasil, literalmente. Queria dar um tempo com aquela história toda. Estava cansada.

Aqui no Brasil, independentemente de você ser homem ou mulher, ainda tem uma coisa séria: a relação dos atletas. Aqui os atletas estão

sempre numa situação sem autonomia. Qualquer coisa que os atletas fa-  
lem parece que afronta alguém. Mesmo que você tenha uma coisa ótima  
para falar, isso não vem com uma energia muito boa.

Acabou que fui para lá e, por sorte, o esporte que eu escolhi, alguns  
anos depois, se tornaria um esporte muito carismático: o voleibol de  
praia. E eu não tinha a menor intenção. Anos depois, esse esporte foi  
introduzido nos Jogos Olímpicos. Eu jogava nos Estados Unidos com  
jogadoras estrangeiras; não jogava com nenhuma brasileira. E meu téc-  
nico americano dizia para mim: “Você tem que voltar para o Brasil por-  
que o voleibol de praia vai entrar nas Olimpíadas, e você merece fazer  
parte disso.” Naquela época, eu ajudei a organizar o voleibol de praia dos  
Estados Unidos, e ele achava que eu tinha que estar dentro do esporte,  
de qualquer maneira. Mas para que isso acontecesse, eu tinha que voltar  
ao Brasil, fazer as pazes com quem estava brigada, tinha que ser aceita  
aqui, uma série de coisas.

Eu não vou contar sobre isso. Vou passar sobre essa história. Pulei!

Depois que voltei ao Brasil, tive a felicidade de encontrar uma exce-  
lente parceira, a Sandra Pires, que também foi parceira da Leila. Tive  
muita sorte na escolha. Sandra assumiu tudo, todos os nossos desafios.  
E aí fomos às Olimpíadas.

Os jogos foram acontecendo, e havia grandes chances de o nosso time  
ser campeão olímpico. E, naquele momento, vim a saber que aquela se-  
ria a primeira medalha feminina do Brasil em 100 anos de Olimpíadas.  
Eu não fazia a menor ideia e não queria nem pensar nisso. Na realidade,  
eu estava tão concentrada em fazer o meu trabalho, que não queria ouvir  
aquelas coisas. Diziam: “Vocês vão ser as primeiras mulheres a ganhar a  
medalha!” Mas aquilo estava me incomodando.

Vencemos as Olimpíadas, graças a Deus, e aquilo tudo que eu falei  
para vocês, que era um momento muito ruim, foi esquecido rapidinho.  
Virou uma coisa incrível! Era um momento histórico. E não só conse-  
guimos a medalha de ouro, como as de prata e de bronze. Foi o *boom*  
do voleibol!

Voltando ao Brasil, no circuito brasileiro de voleibol de praia, já mui-  
to famoso na minha época, o time feminino recebia menos que o mas-  
culino. E eu, de novo, estava na mesma situação. A premiação do mas-  
culino era superior porque eles alegavam que o voleibol do masculino  
era mais difícil. Aí começou outra briga. E, de novo, eu estava no meio  
dessa história.

Estou contando isso só para dizer da minha felicidade de hoje estar se discutindo sobre esse assunto, de existirem pessoas pensando e querendo melhorar alguma coisa, sem que isso cause um mal-estar a ninguém.

O que estamos fazendo aqui é só uma coisa de evolução. Precisamos evoluir! E eu fico muito feliz. Essa é a minha história. Está aí, é só isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Jô Moraes) – Parabéns, Jaqueline! Eu acho que você contribui com algumas observações muito importantes, inclusive do ponto de vista da relação do atleta, da existência de uma certa intimidação pelos seus superiores e patrocinadores. Isso vai exigir de nós algumas orientações, depois. E tenha a certeza de que a sua rebeldia é para nós um elemento de transformação da sociedade.

A SRA. JAQUELINE SILVA – Obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Jô Moraes) – Quería cumprimentá-la e passar a palavra para a Leila Barros, atleta olímpica do voleibol feminino, medalhista de bronze dos Jogos Olímpicos de Atlanta, de 1996, e de Sidney, em 2000.

A SRA. LEILA BARROS – Obrigada, Sra. Presidente. Eu também, como a Jaqueline e a Aída dos Santos, estou muito feliz de participar deste momento histórico, para nós, ao debater a condição da mulher no esporte. Falar o que da minha história, depois das histórias de uma que desbravou e da outra que enfrentou muitas coisas? O que mais tenho para contar? Mas, enfim, a minha história foi um pouco diferente porque eu deparei com uma realidade diversa das duas, pela questão da beleza, da feminilidade no esporte.

Eu sou filha de um pai mecânico e de uma mãe dona de casa, nordestinos que vieram para Brasília, para desbravar esta terra e ajudar a construir a cidade. Nasci aqui, em 1971. Meu pai queria que eu estudasse – e essa é a realidade da maioria dos atletas no Brasil. Quando viemos de classe social mais baixa, como Aída falou, temos que estudar. Meu pai e minha mãe queriam que eu me formasse e tivesse uma vida completamente diferente da que eles tiveram. Então, meus pais se dedicaram ao máximo à criação dos dois filhos. E, por incrível que pareça, eu, a filha mais velha, enfrentei o meu pai, que era aquele nordestino típico. Aqui deve haver alguns nordestinos que sabem o que é uma criação nordestina, patriarca, autoritária, onde a última palavra é a do pai. Eu comecei a jogar voleibol escondida, muito influenciada pela geração da Jaqueline, que aqui está, da Isabel e da Vera Mossa.

Assisti às Olimpíadas de Los Angeles e de Seul e, nessa última, quando já estava maior, entendendo um pouco mais de voleibol, estava sentada na minha sala, naquele sofá rasgado, com uma colcha por cima, molhando o meu pãozinho no café quente, quando olhei para minha mãe e disse: “Mãe, um dia você vai me ver jogando numa Olimpíada.” Minha mãe olhava para mim e dizia: “Ô, minha filha, para de sonhar, você está em Taguatinga, cidade satélite de Brasília. Minha filha, vai estudar. Esporte não tem futuro.” Acho que é isso o que nós enfrentamos o tempo todo. “Minha filha, você tem que estudar; e tem que casar, ter filhos – entendeu? É isso que um pai sonha para uma filha.”

E eu já era aquela coisinha: olhinho rasgadinho, toda bonitinha, toda mimosinha. Quer dizer, para o meu pai, eu era a princesinha da casa – e querendo jogar bola?! Ele me dava bonecas. E eu arrancava as cabeças delas e saía chutando, dando tapas. Meu pai pensava: “O que é isso? Essa menina está virando homem?” É mais ou menos isso o que eu enfrentei a minha infância inteira. Falavam sempre para mim: “Cruze as pernas!” Essas coisas.

As pessoas me rotularam de musa, mas de musa eu não tinha nada. Eu era totalmente atlética. O atleta não é produzido. Por alma, ele já é atleta. Nós temos um potencial atlético em todos os aspectos, independentemente do sexo, masculino ou feminino. O Brasil é uma grande potência nesse sentido, mas é algo pouco aproveitado.

O que nós estamos fazendo aqui é simplesmente trabalhar em prol das mulheres, porque eu, Jaqueline, Aída, Marta, Hortênsia e tantas outras começamos assim, não diminuindo a feminilidade e nem a nossa condição sexual, mas canalizando a agressividade, buscando horizontes através do esporte, ferramenta incomensurável de inclusão social.

Na minha época, isso não era comentado. Eu amava o esporte. Eu nasci atleta, como as outras também nasceram. No esporte, que é uma ferramenta, existe o caminho da inclusão social. Mas ali também podem ser garimpados vários potenciais, e é o que estou querendo dizer. O Brasil tem, sim, um potencial imenso, atlético e esportivo, e isso precisa ser aproveitado. E o que estamos debatendo aqui é a condição da mulher.

Então, voltando à minha história, num belo dia, depois de ver jogadoras como a Jaqueline jogarem, eu disse para minha mãe que queria ser uma jogadora de vôlei e que ela me veria jogando numa Olimpíada. E quatro anos depois eu estava jogando a minha primeira Olimpíada, em 1992, com 21 anos.

Mas o caminho foi difícil demais. Primeiro, porque tive que enfrentar o meu pai quando tive condição de sair de Brasília. Naquele momento, o meu horizonte aqui na cidade já não tinha mais espaço, porque eu tinha o anseio de crescer. Mesmo jogando voleibol escondido, fui chamada para jogar por um clube.

Num jantar, eu disse para o meu pai: “Pai, eu gostaria de ir a Belo Horizonte para participar de uma peneira. Quero saber se o senhor deixa.” Meu pai respondeu: “Não, você não vai.” Eu falei: “Mas como que eu não vou?” Ele disse: “Não, você não vai.” Aí eu levantei e disse: “Eu vou sim!” Eu tinha 17 anos. Olha que maluca! Meu pai falou: “Ah? Você vai? Se você sair por essa porta, você vai sair e vai ser dona do seu nariz, Leila.”

Aí eu fui para o meu quarto, arrumar minhas coisas, tremendo de medo. “Nossa, caramba, o que eu fiz da minha vida?” Aí entraram minha mãe e meu irmão, 10 anos mais novo que eu. “Não vai, olha o que o pai falou. É verdade, ele não vai te ajudar.” Eu falei para a minha mãe: “Você confia na filha que criou?” Ela parou, me olhou e disse que sim. Eu falei: “Mãe, eu vou ser uma atleta de vôlei. Eu quero isso para mim. E aqui eu não vou conseguir.”

Aí ela saiu com o meu irmão, voltou e tirou um dinheirinho, uns 50 ou 100 reais, e disse: “Filha, eu não tenho como ir com você...” (*A oradora se emociona.*)

Desculpem-me. Eu até me emociono porque os dois já não estão mais aqui, já faleceram. Meu pai faleceu ano passado e minha mãe faleceu há alguns anos, de câncer de mama. Mas ela foi uma das pessoas que mais me estimulou. Ela me disse, naquele momento: “Filha, eu não tenho condições de ir com você, mas eu acredito em você. Eu acredito na filha que eu criei. Você tem a minha bênção!”

Aí eu peguei horas e horas de ônibus. Cheguei à rodoviária de Belo Horizonte, com uma mochila nas costas, aos 17 anos. Naquela época, eles não olhavam se a gente era menor ou não. Viajei horas a fio lá, tremendo que nem uma vara verde. “Caramba! O que eu estou fazendo aqui? Mas vamos embora!”

Cheguei às 5 da manhã na rodoviária. Ao meio dia, eu ainda não tinha tomado café nem ido ao banheiro, porque estava com medo. Na impulsividade, eu não peguei o telefone de ninguém. E fiquei lá esperando, com 50 reais no bolso. Não tinha dinheiro nem para voltar. Olhem que insano!

Quando eu comecei a cair na real, pensando que talvez a pessoa não aparecesse ali, que eu não tinha dinheiro para voltar, e lembrando as palavras do meu pai, comecei a rezar e uma mão tocou nas minhas costas. Parecia uma luz, um anjo, e o meu horizonte se abriu. Ele disse: “Leila!” Era o Celso, o cara do Minas. Eu abracei aquele cara como se estivesse abraçando a Deus naquela hora. Eu tinha 17 anos, tinha brigado com o meu pai, que para mim era a figura máxima da minha vida, tinha enfrentado tudo.

Bom, enfim, aquele cara me pegou, e eu participei de uma peneira com mais duas mil crianças. E naquela ocasião foi lapidada uma geração, os primeiros medalhistas. Tinha a Vilma, a Ana Paula, enfim, essa turma toda.

Quero dizer também que já fui Beleza Atlético e Musa do Vôlei, coisas que eu sempre detestei e de que me rotularam durante anos. Mas a minha vida e a minha luta foi por amor ao esporte. Estou muito feliz de estar hoje aqui participando da reunião desta Comissão para mostrar que o esporte, a beleza e a feminilidade podem caminhar juntos. O que interessa é que a gente abrace isso.

Como eu falei, este país tem uma potencialidade esportiva enorme, e isso tem que ser tratado com muito carinho.

Muito obrigada pela oportunidade de poder estar aqui, debatendo com vocês todos, pessoas que têm o poder de decidir por nós. Vocês têm o poder de melhorar não as gerações que passaram, claro, como a da Aída, que enfrentou muitas coisas, e a da Jaqueline, por ser a rebelde da turma – graças a ela, o voleibol feminino hoje é o que é, porque ela enfrentou e questionou as diferenças.

Hoje eu estou aqui mostrando para vocês que essa questão de atrapalhar a feminilidade não existe no futebol, no handebol, ou no que tiver que ser. Como eu falei, atleta é uma questão de alma mesmo. Espero que vocês tratem com muito carinho essa questão. Se vocês me perguntassem – agora vou dar um depoimento de ex-atleta – se há 15 anos o Brasil teria condições de sediar uma Olimpíada, o que você responderia, Jaqueline? É um absurdo!

Quando eu participei da minha última Olimpíada, a de Sidney, quando eu entrei naquela estrutura toda em Sidney, eu falei: “Gente, o Brasil nunca vai ter condições de sediar uma Olimpíada”.

Então, é isso que quero mostrar para vocês, caríssimos políticos: a confiança que o mundo esportivo está dando ao Brasil. O mundo esportivo está dando uma credibilidade ao nosso país, a força de que o nosso país precisa, a imagem que nós, atletas, também passamos. A Federação Internacional, o COI, enfim, a FIFA, todo mundo está depositando confiança em nós. Se tantos eventos tão importantes estão vindo para o Brasil, eles estão vindo porque o Brasil tem um nome fortíssimo! O esporte brasileiro, como a economia brasileira, está em ascendência. E quem carrega essa bandeira são os atletas. Então temos que se melhorar a estrutura do esporte masculino, e principalmente a do feminino, porque isso é importante. Essa é uma bandeira que o Brasil carrega e que é muito respeitada lá fora. Eu sei disso porque sou ex-atleta, porque participei de três Olimpíadas, e porque vi muito o que existe lá fora. Então essa é uma confiança que tem que ser levada em consideração, e com muito respeito e muita delicadeza. É uma responsabilidade muito grande que todos nós, brasileiros, estamos assumindo neste momento com a Copa do Mundo e com as Olimpíadas.

Então, muito obrigada pela oportunidade de poder contar a nossa história aqui, e por estarmos aqui com vocês dividindo um pouco a nossa ansiedade, a nossa expectativa sobre como tudo isso vai ser tratado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Jô Moraes) – A gente agradece à Leila, sobretudo esse resgate que ela faz, e que é fundamental. O que nós estamos conquistando agora é porque os atletas fizeram esse trabalho anterior. Sem dúvida nenhuma, essa é a declaração mais aberta da discriminação que ainda existe entre homens e mulheres.

Eu queria passar a palavra para a nossa querida Amanda Miranda, atleta de futebol feminino, tricampeã pelo Clube Atlético Mineiro, nosso clube, e que sem dúvida nenhuma está no coração da gente, apesar de termos sofrido muito para ficar na primeira, mas continuamos na primeira divisão.

A SRA. AMANDA MIRANDA – Gostaria de dizer meu boa-tarde a todos os parlamentares presentes. Quero agradecer muito à deputada Luci e à deputada Jô Moraes pela oportunidade, pelo espaço cedido ao esporte feminino. Acho isso muito importante. Fico mais feliz pelo fato de a Casa estar cheia, recebendo, creio, de braços abertos, todas as propostas, os nossos debates. E eu ficaria muito mais feliz se tudo isso deixasse de ser um sonho, um desejo pelo qual a gente briga há muito tempo, todas essas gerações, e que pudéssemos colocar tudo isso no pa-



pel e em prática. Principalmente com um projeto para colocar o Ano do Esporte Feminino como incentivo, para fazer todas essas gerações se unirem e colocarem em prática o trabalho pela infraestrutura.

Com certeza, não tenho uma história tão forte quanto a dessas guerreiras aqui, com quem eu tenho a honra de dividir a Mesa. Mas, como já estou há dez anos no futebol, há cinco, mais especificamente, no Atlético, pude acompanhar toda a evolução do futebol feminino e toda a luta que tivemos.

Eu entrei com 14 anos; hoje, tenho 18, e esse é o primeiro ano em que o futebol feminino se tornou profissional para o Clube Atlético Mineiro. Creio que muitos ainda não sabem, mas o futebol feminino não é um esporte profissional ainda. E isso é o que pesa bastante. E as empresas não querem investir num esporte que não é profissional. Então, eu gostaria até de chamar a atenção dos políticos, porque está nas mãos de vocês esse papel de trazer para o esporte feminino o profissionalismo. O Carlaile, que é o nosso dirigente também, pode nos dar esse espaço. Eu tenho uma experiência de luta porque, quando eu entrei lá, em 2008, a gente almoçava na garagem, numa mesa para 40 funcionários, toda quebrada e que tinha um pano, eu lembro, que eles não trocavam nunca! Sempre que a gente chegava, a gente encontrava restos de comida anterior. Era um horror! E a concentração era impraticável, mas, ainda assim, a gente tinha que dormir lá antes dos jogos. Mesmo assim, pudemos contar com mais 25 meninas, todas lutando, seguindo em frente. Hoje sou tricampeã mineira e com um vice-campeonato, com muito orgulho, e posso me dizer privilegiada no futebol mineiro.

Podemos ver, pelos dados da profa. Cássia, que temos 20 equipes federadas em Minas Gerais e que o Atlético é o único clube que tem o esporte profissional. Contamos com fisioterapeuta, médico, concentração, alimentação, vale-transporte, um centro de treinamento completo, e treinamos todos os dias. Isso é um avanço incrível para o futebol feminino, porque poucos clubes no Brasil contam com essa infraestrutura.

Da parte das atletas, a gente lutou muito para trabalhar a imagem porque há muitos tabus, principalmente no futebol feminino, que temos que quebrar. O primeiro tabu é que qualquer homem pode chegar e dizer que as meninas passaram por tantas experiências. Mas as pessoas não sabem como são os bastidores, quais são as dificuldades. É muito fácil para um homem, ou até para uma mulher que não entenda muito bem de futebol, julgar e falar: “Olha, lugar de mulher não é no campo

de futebol. Ela tinha de estar na cozinha, tinha de estar lavando...” A gente já enfrenta esse tabu. Outro tabu que já discutimos bastante é o da feminilidade. Mas temos exemplos no mundo inteiro de que o futebol feminino está mudando, de que está se tornando um pouco mais elitizado, mais social, abrangendo a população. Algumas meninas pequeninas já me dizem: “Olha, eu quero ser jogadora de futebol”. Pois há 20 ou 30 anos não ouvíamos isso.

Tenho muito orgulho em dizer que o futebol feminino está crescendo. Mas ele ainda é muito precário. Eu me digo privilegiada por estar em um clube grande, mas ainda falta muita coisa. Recebo 600 reais por mês para estar todo dia lá, de manhã e de tarde. Tenho que almoçar e lanchar lá, e não posso ficar muito com a minha família. Viajo sempre; vou para cima e para baixo, e enfrento muita coisa. Vejo o que as meninas passam. Tem menina que mora ali, mas que é do Espírito Santo ou da Bahia e que não vê a família há anos porque nem dinheiro para as férias tem. É uma situação bem complicada.

Queria alertar a todos os políticos não só para o futebol, mas para todos os esportes. Se nós tivéssemos o apoio que a mídia dá ao campeonato masculino... Porque elenco nós temos de sobra. Podemos ver como é a participação do futebol feminino brasileiro, das meninas, no esporte olímpico, no Pan-Americano; há disputas sul-americanas, mundiais, o ano todo, que ninguém fica sabendo. Porque ninguém analisa o futebol feminino. É muito fácil para quem está de fora julgar: não sabe a luta que é.

Se tivesse um campeonato brasileiro, se a CBF disponibilizasse uma renda... Porque falta infraestrutura. Dos 20 clubes mineiros que temos, só o Atlético tem o apoio do Kalil. Mas mesmo assim é uma ajuda de custo de 25 mil por mês para 30 atletas e para mais 8 da comissão. É complicado. As outras 19 equipes ficam por conta da iniciativa privada, por conta dos seus diretores. Assim as meninas não têm condições de treinamento adequado.

Sempre digo que nós, jogadoras, ficamos à mercê dos empresários e dos investidores porque o nosso sonho não depende só da gente. Se fosse por nossa conta... Olhem o que essas mulheres já fizeram! Aída, por exemplo, sem patrocinador, sem tênis, conseguiu um quarto lugar numa Olimpíada. E nós já fomos tricampeãs mineiras sem apoio nenhum. Imaginem se tivéssemos infraestrutura!

Podemos ver – pela Kátia, 15% de crescimento – o que as mulheres são capazes de fazer sem investimento. Agora imaginem com uma

infraestrutura adequada como existe nos Estados Unidos. O Brasil é o país do futebol, e nós estamos perdendo isso; estamos perdendo para a Inglaterra, para o Japão, para os Estados Unidos, porque eles investem, eles estão preocupados com o esporte. E não vejo essa preocupação no Brasil, principalmente com as mulheres, em se dar essa iniciativa. Com o futebol ou com qualquer outro esporte a gente consegue tirar as meninas da rua, da prostituição, consegue resolver os problemas sociais do Brasil. E ainda as colocamos no esporte, que faz bem à saúde, faz tudo!

Gostaria de encerrar o meu discurso e agradecer todo o espaço dado ao futebol. Como as meninas disseram, é uma oportunidade de falar o que temos guardado aqui. Não é fácil, no dia a dia, contar com a boa vontade dos outros. A gente rala, rala, rala e muitas vezes não consegue chegar, por falta de investimento ou de infraestrutura. Agradeço o espaço. Já é uma iniciativa gigante, um grande passo. Tenho certeza de que, se houver investimento no esporte feminino, o retorno para o Brasil e para a população em geral vai ser muito maior.

Obrigada

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Jô Moraes) – Obrigada, Amanda.

Vamos passar a palavra aos inscritos. Inicialmente falará a deputada Luci Choinacki.

Considero, deputados da Comissão presentes, que deveremos tirar alguns indicativos de continuidade. Temos que enfrentar o caráter profissional, em todas as modalidades do esporte feminino. O vôlei avançou, mas, sem dúvida, ainda há uma série de modalidades, sobretudo o futebol feminino, que não atingiu um caráter profissional do ponto de vista de políticas públicas.

Vocês dão sugestões muito concretas, que o Ministério deve absorver. Em primeiro lugar, a ampliação e a readequação do Bolsa Atleta, para que possa levar em conta as dificuldades e um projeto mais abrangente. Vocês abordaram isso aqui, e vários outros já levantaram essa questão, a respeito de como estabelecer esse foco no Bolsa Atleta.

No caso específico do Segundo Tempo, trata-se de fazer uma discussão. Acredito que o Ministério possa convocar atletas como vocês para enfrentar esse problema de preconceito. Em junho, o então ministro Orlando assinou com o MEC uma parceria para somar o Segundo Tempo com o Mais Educação. São cinco mil escolas. Que nessa parceria consigamos fazer essa

discussão. Que essa parceria do Mais Educação com o Segundo Tempo possa começar com essa discussão envolvendo vocês.

Queria, depois de discutirmos, que os deputados da Comissão pudessem realizar – fizemos, no caso da Copa, o Fórum das Cidades-Sede – um fórum das Olimpíadas, mas com maior antecedência. Envolveria visitas ao conjunto dos estados, para que pudéssemos fazer esse diagnóstico que vocês trouxeram para cá, organizadamente. Seriam envolvidas, como fizemos naquele fórum, as assembleias legislativas, os clubes. Se não agirmos de forma organizada, não vamos conseguir aquilo que queremos, que é levar essa discussão para prefeituras, que têm de ter Bolsa Atleta. Eu acho que deve haver uma campanha generalizada, com a participação das prefeituras, dos estados e da União, leis de incentivo, para que implantemos esse processo em cada estado.

Acredito que o presidente Jonas Donizette poderá constituir um grupo de trabalho, a fim de que possamos atuar no próximo ano.

Queria dizer que realizo intensa atividade do movimento de mulheres, e o depoimento de vocês é absolutamente impactante, porque são questões da vida cotidiana, de sobrevivência. No caso, não se trata de sobrevivência financeira, mas de sobrevivência da atividade esportiva. Vocês tiveram que fazer concessões para poderem se realizar enquanto atletas. E que energia vocês colocaram nesse processo!

Passarei a palavra à deputada Luci Choinacki, ao deputado Carlaile Pedrosa, ao deputado Afonso Hamm, grande esportista.

Com a palavra a deputada Luci.

A SRA. DEPUTADA LUCI CHOINACKI – Quero dizer a vocês que eu acho que, neste ano, este foi o momento mais importante para mim nesta Casa. Eu tinha muita expectativa em relação a ele e queria ouvir as experiências de vocês. Eu não tinha essas informações, mas sabe por que eu achava que vocês tinham passado por todas as dificuldades possíveis? Porque eu me coloco como mulher. Eu vim de um lugar em que tive também de comer o pão que o diabo amassou – em muitas horas, continuo fazendo isso. Então, sei como é difícil. A superação de vocês é o exemplo mais extraordinário que podem dar para tantas mulheres no Brasil, no sentido de que é possível vencer.

Como diz a presidente Dilma, a mulher pode, e vamos poder mais, não para humilhar ninguém, mas para democratizar os espaços, os recursos, o direito e a visibilidade. Essa é a questão. As falas de vocês

mostraram a superação, mostraram o quanto foi difícil e o quanto ainda temos de batalhar para que espaços sejam considerados iguais tanto para homens quanto para mulheres. Não queremos diminuir o espaço dos homens, mas incluir socialmente as mulheres e os atletas paraolímpicos, para que tenham direito a isso, até porque o exercício é algo extraordinário.

Quando eu ia à escola – fui retirada de lá aos 12 anos, chorando, para trabalhar, achei que a minha vida tinha acabado –, pensava em como era o desejo de fazer exercício de um atleta, em como era importante.

Vocês trazem uma grande contribuição e engrandecem o nosso trabalho como mulheres, para termos coragem de continuar a batalha. Acredito que é um começo. Não sei se isso já foi feito nesta Casa. Este é o primeiro ano em que participo da Comissão de Turismo e Desporto. Tomei a decisão de ficar. Não estive aqui por quatro anos, mas voltei para esta Casa. Penso que precisamos dar continuidade a isso não só com o Ministério do Esporte – o ministro Rebelo já se colocou à disposição –, mas também com o da Educação, com a Secretaria de Políticas para as Mulheres. Precisamos fazer uma construção juntas, para viabilizarmos, cada vez mais, esse espaço. Como disse, temos de criar visibilidade, porque isso não era visível. Era a mesma coisa em relação ao trabalho doméstico. Lutamos durante anos, anos e anos para dizer que é trabalho, porque diziam que não era trabalho. Como era de mulher, diziam que não era trabalho.

Temos de desconstruir e construir o que é trabalho e lhe dar visibilidade. Eu, que vim dessa batalha, desse enfrentamento permanente, no bom sentido, do bom combate, sei o que é. Tanto é assim que a ideia que estamos construindo e debatendo – conversamos muito com a deputada Jô, e já tenho até o número do projeto, é o 2.343 – é a de instituir 2013 como o Ano Nacional do Esporte Feminino no Brasil. Para quê? Para que haja discussão, mobilização, para que a sociedade, o governo e as próprias federações comecem a discutir, a imprensa comece a ver a importância que isso tem. Então, o objetivo é dar importância ao que é importante, e que estava invisível. Precisamos criar.

O presidente Lula baixou um decreto para que houvesse audiências públicas, no caso. Esta já é uma audiência pública, uma preparação que estamos fazendo para que, daqui a um ano, seja um ano de preparação para as Olimpíadas. Com todo esse envolvimento, essa mudança, acredito que a presidente Dilma vai ficar muito feliz. Ela dá muito incentivo

para as mulheres, diz que elas podem, ajudará muito e vai promover a mobilização.

Este é um dia especial, o dia em que vamos encerrar os trabalhos desta Comissão neste ano, ouvindo as dificuldades, trazendo contribuições. Muitas vezes, falar sobre a vivência e a experiência mostra onde está o problema, para batalharmos em busca de soluções. Essa é a nossa vida. Ralamos muito para chegar aonde chegamos. Todas as mulheres sempre ralaram mais. Dizem que esporte vai desconstruir a nossa feminilidade, mas ninguém discute o trabalho pesado. É preciso dizer que há essa desconstrução quando não se tem apoio, quando não se faz. Desconstruir conceitos e construir outros é muito mais difícil, mas nada é impossível para o ser humano, muito menos para nós, mulheres, que passamos por tudo quanto é dificuldade e não nos rendemos, muitas vezes à base de lágrimas, de choro. Choramos, mas levantamos a cabeça e seguimos adiante. É assim, Leila. É assim, companheiras.

Estou muito feliz. Contem comigo. Tudo o que pudermos fazer em conjunto faremos. Aqui, sozinha, a pessoa não é nada. O presidente da Comissão foi um bom parceiro. Outros parlamentares também nos ajudaram. Estão e vão estar juntos. Acredito que alcançaremos muitos avanços. Nosso governo, quando apoia o Bolsa Atleta, faz um reconhecimento extraordinário. Fico pensando em como as meninas realizam com 600 reais todo o trabalho, em quanto temos de valorizar o esporte. O esporte é muito rico, mas é tratado com muita pobreza. Essa é uma incoerência que temos de vencer. Estamos nessa batalha, realizando um bom combate que modifica, cada vez mais, essas relações antidemocráticas – não vou dizer outra coisa, uso essa palavra mais jeitosa para não ofender ninguém.

Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Jô Moraes) – Obrigada.

Tem a palavra o Sr. Deputado Carlaile Pedrosa.

O SR. DEPUTADO CARLAILE PEDROSA – Primeiramente, quero cumprimentar e parabenizar a nossa deputada Jô Moraes, das nossas Minas Gerais, e a deputada Luci pela realização desta audiência pública. Estamos fechando o ano com chave de ouro com esta audiência da Comissão de Turismo e Desporto.

Cumprimento os meus colegas deputados e os convidados.

Sou um apaixonado pelo esporte, apaixonado mesmo, sem discriminação – gosto do esporte feminino como também do masculino.

Os quatro depoimentos que aconteceram aqui foram emocionantes e nos passam uma responsabilidade muito grande no sentido de promover o esporte feminino no Brasil e ajudar cada vez mais a melhorá-lo. Passam também a responsabilidade para a Cássia, para a Clélia e para a Katia. Sem dúvida nenhuma, vocês, que têm cargos estratégicos, na parte feminina, têm de dar essa contribuição para melhorar cada vez mais o esporte feminino.

Lembro bem que, há poucos anos, ninguém assistia a futebol feminino. Muitos poucos o assistiam. “Ah, feminino...” As mulheres não tinham muita noção do esporte. Hoje, não. Às vezes, preferimos assistir ao futebol feminino do que a um jogo masculino. Inclusive, na última Copa do Mundo, torcemos bastante. Infelizmente nós a perdemos. Fomos vice-campeões por acaso, porque merecíamos ser campeões nessa Copa do Mundo.

Amanda, gostei de ouvir seu depoimento. É uma líder e vai contribuir muito para o futebol feminino no país. Quero lhe deixar uma pergunta. Amanhã, teremos eleição no Galo, onde sou conselheiro. Vou votar no Kalil e vou dizer a ele como está o futebol feminino no Galo, sobre o apoio de que está precisando e que estivemos aqui juntos. Onde vocês treinam? É no Centro de Treinamento do Galo, no CT do Galo? O nosso CT é o melhor do país. Inclusive, temos de parabenizar os últimos presidentes, o Ziza, o Ricardo e o Kalil. Esse CT, sem dúvida, é o melhor que temos hoje. É preciso realmente mais apoio para vocês, que são tricampeãs. Há quanto tempo não temos um título no Galo? São tricampeãs mineiras.

Parabéns, Amanda. Gostei demais do seu depoimento. Você está com a cabeça voltada para o futebol e, principalmente, para as suas colegas do futebol feminino.

Quero também cumprimentar a Leila. Eu não sei se ela lembra, mas fui prefeito de Betim, de 2001 a 2008, e realizamos lá uma parceria muito grande com o Banco do Brasil, levamos o circuito de vôlei de praia para Betim. Depois do sucesso que vocês fizeram – coquetel, a rapaziada toda assistindo ao vôlei de praia, com entusiasmo muito grande, a arena lotada, o parque de exposições lotado –, vocês não sabem o que aconteceu. Foi a primeira vez que houve vôlei de praia profissional em Betim. Sem dúvida alguma, foi uma exibição de gala, proporcionada pelo Banco do Brasil. Depois que terminou esse evento, houve campeonatos

femininos de vôlei de praia em todos os clubes de Betim. Foi grande o entusiasmo que vocês proporcionaram a Betim, uma cidade hoje com mais de 400 mil habitantes, uma cidade industrial, e uma cidade apaixonada pelo esporte. Eu gostaria de dizer da contribuição que vocês deram naquela época.

Não havia ginásio, e, como prefeito de Betim, nós terminamos o ginásio poliesportivo, que hoje está entre os cinco melhores do país. Levamos para lá muitos times de vôlei, tanto masculinos quanto femininos. Levamos para Betim inclusive a Liga Mundial. E o estímulo para essa juventude foi justamente a realização desses jogos em Betim, de vôlei masculino e feminino, mas também de handebol, de futebol de salão. Em decorrência desses jogos que levamos para lá, fizemos um time de vôlei em Betim. Começamos com o pessoal de Betim, e o time cresceu e virou Sada-Betim, o xodó de Minas Gerais. Nós tivemos, na Liga Nacional, a maior torcida de vôlei do país, com um entusiasmo muito grande. Arranjamos um patrocínio bom da Sada Transportes e fizemos o nosso time ser tricampeão mineiro, Vice-Campeão da Liga Nacional e campeão em vários países.

Mas infelizmente, Leila, a política traz coisas boas e ruins. Perdemos a eleição há três anos, e a administração atual proibiu o time de jogar em Betim. Perdemos o Sada-Betim para o Sada Cruzeiro. Se fosse pelo menos para o Galo, presidenta Jô, eu teria ficado satisfeito, mas foi para o Cruzeiro. E o time continua. Hoje ele é tricampeão mineiro e vice-campeão nacional.

Quanto aos exemplos que vocês deram, é o que precisa acontecer no país como um todo, ainda mais agora, às vésperas de dois grandes eventos, a Copa do Mundo e, principalmente, as Olimpíadas. E a parte feminina, tenho certeza, vai ter o seu lugar. O Brasil cresce com as atletas femininas. Eu não tenho dúvida nenhuma de que vamos realizar um evento de muita grandeza. Como você disse, quando imaginávamos que o Brasil sediaria as Olimpíadas? Vamos sediá-las e fazer bonito, podem ter certeza disso, assim como vamos fazer bonito na Copa do Mundo de 2014.

Eu quero parabenizá-la mais uma vez, presidenta Jô, e também a deputada Luci, que estão fechando com chave de ouro os trabalhos desta Comissão neste ano. Estou levando este depoimento e estou, com emoção muito grande, ouvindo de vocês a respeito do que aconteceu em suas vidas, do que fizeram para chegar aonde chegaram. Hoje vocês são exemplos para todo o Brasil, podem ter certeza disso. Eu acho,



Jaqueline, que a Amanda vai lhe seguir um pouquinho e vai revolucionar o futebol feminino em nosso país. Parabéns, gente.

Mais uma vez, parabéns, Sra. Presidenta. Estamos fechando com chave de ouro o ano, com esta audiência pública.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Jô Moraes) – Agradeço à Leila por ter possibilitado a existência de uma praia em Minas Gerais, pois, do contrário, não haveria vôlei de praia lá. (risos)

Com a palavra o deputado Afonso Hamm.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM – Em primeiro lugar, queria dizer da dimensão e da importância da escolha deste tema pela deputada Luci e pela deputada Jô.

Atualmente, com a aquiescência de todos nós, parlamentares que somos ativos na Comissão de Desporto, o nosso presidente Jonas Donizette, o nosso vice-presidente e todos os colegas que participam deste colegiado, o esporte passou a ter espaço de forma mais incisiva no Congresso. Isso ocorreu por meio da agenda proposta por esta Comissão.

Eu sou um deputado que inicia o segundo mandato. No meu primeiro mandato, eu fiz esta escolha. Aqui temos o direito de escolher duas Comissões. Eu fui atleta, comecei com 14 anos de idade em clubes profissionais de futebol, fui para as categorias amadoras e cheguei à profissional. Não tive o destaque do jogador Romário e de outros grandes jogadores.

Ressalto o testemunho dado aqui pelas atletas, tanto pelas atletas de futebol quanto pelas atletas de vôlei, pelas integrantes do atletismo. Eu tenho dito que o esporte forma líderes, forma lideranças. Além de ser uma oportunidade extraordinária, o esporte, como fator de inclusão social, é um elemento efetivo de formação de cidadania, de conceitos de disciplina, de uma série de conceitos que servem para a vida num primeiro momento, para os jovens, efetivamente para a vida toda.

Quando ouvimos aqui os testemunhos, apresentados com emoção – só não se emociona quem não vivencia com efetividade as razões – principalmente olhando para trás, após saltar os obstáculos, analisamos o que avançamos. Portanto, de todos os testemunhos, vemos aqui verdadeiramente alguém que desbravou, que venceu preconceitos. Estamos vivenciando no país um novo momento.

Eu não assisti às exposições, porque nesta Casa acontecem muitas atividades ao mesmo tempo. Não pude ouvir o Ministério do Esporte e o Ministério da Educação. Mas, em relação a estes dois eixos, ensino e

educação, do ponto de vista estrutural, a questão associada ao esporte é um componente para organizarmos. Ouvi que há escolas que sequer têm quadras e que há escolas cujas quadras precisam de cobertura. Isso é muito importante do ponto de vista do planejamento mínimo, em termos de condições para incentivarmos o esporte, o esporte escolar, o esporte universitário.

Eu queria compartilhar isso com vocês, porque vi também a angústia de quem é atleta, de quem é ex-atleta, sei dos momentos que passaram e da dificuldade de cada um. Nós aqui também temos desafios, porque é difícil fazer o convencimento do país e fazer o convencimento do governo, estabelecendo inclusive uma legislação efetiva. Vou dar o meu exemplo mesmo. Escolhi esta Comissão para dela ser titular – tive a oportunidade de presidi-la. Temos trabalhado muito a questão da organização da Copa e das Olimpíadas. Primeiro, trabalhamos muito, ao longo desses anos, para conquistar esses dois grandes eventos e, agora, temos condição de realizá-los com efetividade, com eficácia, com o comprometimento de todos.

Vou dar um testemunho também porque, às vezes, temos muita dificuldade até para formatar uma ideia e colaborar de fato para estabelecer parâmetros de futuro. Nós acabamos agora de participar da Comissão Especial que trata da Lei Geral da Copa. Lá fiz uma proposição. Tive dificuldade até na Consultoria. Entendemos que não é ilegal buscar recursos, que estamos conquistando, nos lucros da FIFA no Brasil, no grande evento da Copa, e deve servir para as Olimpíadas também. Acredito que é importante efetivar parte dos lucros e do resultado para a formação de atletas. Eu discuti muito isso com meus pares, muitos nos apoiaram, o próprio presidente, e tive dificuldade na Consultoria. Com muita insistência, fizemos uma redação. Busquei o apoio do meu partido, porque tudo era difícil: “Não, não, não”. O nosso relator colocou, no art. 30, que estamos buscando, no caso da Copa do Mundo, garantir parte do lucro para isso – pode ser algo de 5% a 10%. Fala-se em 500 milhões, 600 milhões de dólares de resultado líquido. Poderia ser 1%, 2% do faturamento bruto das receitas obtidas. Temos que buscar fontes para incentivar o esporte.

Nós temos uma lei de reformulação, que é a Lei Pelé. Nós trabalhamos inclusive com o reconhecimento do clube formador. Misturam-se então os clubes formadores de futebol e as modalidades olímpicas. Isso está muito misturado. Aliás, a nossa legislação é muito confusa. Nós

precisamos de uma lei geral do esporte – nós já discutimos isso – que estruture esse cenário.

Eu não quero me estender, mas não posso deixar de dizer que estamos a um passo de colocar como proposições algumas sugestões ou ideias, na busca da efetividade na formação.

Na questão do futebol feminino, eu estava buscando saber se existia uma competição, que é a Copa do Brasil, coordenada pela CBF. Agora, não há uma organização efetiva. Eu fui buscar essa informação. A Amanda provocou isso. Temos condições de interagir.

Essa proposição da deputada Luci e da deputada Jô, com a qual todos colaboramos, é para que possamos construir, ao longo de 2012, uma agenda de inserção para 2013, a fim de que esse ano venha a ser o Ano do Esporte Feminino no Brasil. É uma ideia extraordinária, é uma referência inclusive para marcar, para complementar objetivos que são consequências dessa agenda, dessa pauta.

Ademais, quero dizer que somos parceiros, que estamos aqui por opção, por escolha. Somos titulares nesta Comissão. Estamos trabalhando para desenvolver um cenário no Brasil. Não basta nos orgulharmos somente quando toca o hino nacional quando algum brasileiro vence. Temos que criar ambientes e condições para que os atletas se formem e cheguem lá. É muito fácil vibrar com o Brasil.

Aliás, eu tenho dito que a mídia tem-se aproveitado dos atletas. Ela pega um atleta pronto, trabalha em cima do seu sucesso, às vezes o pressiona emocionalmente. Às vezes, os resultados vêm sob pressão de uma mídia que quer vender o seu espaço. Mas nós temos que inverter isso, temos que investir em quem faz esporte.

Eu acho que a Jaqueline quer dizer algo.

A SRA. JAQUELINE SILVA – Existem atletas, mas ainda são muito poucos. Então, quando há um ou outro, a mídia fica em cima deles. Para o que o Brasil pretende, o investimento tem que ser muito maior. Por isso é que tem de se aumentar muito a participação das mulheres.

Qual é o resultado que se espera das Olimpíadas? Não é um grande resultado? Eu acho que, para se alcançar um grande resultado, ainda existe muito pouco investimento. Não há. Vem o Cielo, e todo o mundo cai em cima do Cielo. São poucos atletas. É o Neymar, no futebol. O futebol também está sofrendo com a falta de ídolos.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM – Por isso inclusive foi criticado. Não sei se vocês acompanharam um debate que houve.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Jô Moraes) – Esclareço que, ao final da participação dos deputados, as convidadas farão as suas considerações finais, terão oportunidade de falar novamente.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM – Eu queria finalizar dizendo que este debate pode ser ampliado, e deve ser ampliado, mas a essência está no investimento na base, na formação, correto? Ela começa nas escolas, com educação, em clubes, nas universidades, e aí vamos trabalhar. Essa já é uma pauta efetiva para uma discussão em outros momentos. Mas a provocação é importante.

Quero chamar a atenção de todas que estão aqui, porque este espaço do Congresso é também um espaço de oportunidades. Existem atletas que se destacam como líderes, como líderes políticos. Quando queremos, podemos participar, e há essa oportunidade. Este é um fórum de oportunidades: o Congresso Nacional. Então, vejo aqui potenciais parlamentares, mulheres parlamentares. Podem efetivar essa participação, com essa gama de conhecimentos. É difícil a inserção na política, mas, além da construção, com a colaboração de todas, podemos também estimular a participação efetiva, para que haja candidatas e, efetivamente, mais parlamentares com esse conhecimento de causa.

Atletas homens já existem no Congresso, nesta Comissão. É um cenário de colaboração de quem vivenciou e vivencia essas adversidades. Eu morei cinco meses e meio embaixo da arquibancada de um estádio. Sou engenheiro agrônomo porque havia a “forçação de barra” da família para que eu estudasse. E o esporte não era tudo isso. Mas, na verdade, o esporte foi a minha grande escola. Por isso, com certeza, estou aqui. Agora resolvi devolver parte dos meus conceitos, dos meus princípios, do meu ganho qualitativo, no sentido de contribuir com o meu país, principalmente para favorecer as futuras gerações.

Finalizo cumprimentando mais uma vez atletas, dirigentes. O país é um cenário de oportunidades extraordinário, mas tem que valorizar os seus, tem que valorizar a associação do esporte com a educação. Parabéns a todas. Contem conosco. Espero que se somem ao Congresso Nacional, para que possamos estabelecer uma lei geral para o esporte, com inclusão, com atividades fortes, com a presença feminina. E nos levem junto.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Jô Moraes) – Vou passar a palavra ao nosso presidente, o deputado Jonas Donizette. Antes, porém, dou o testemunho de que o presidente não só apoiou, mas também se empenhou, articulou e trouxe pessoas das mais diferentes possibilidades e oportunidades. Portanto, em meu nome e no da deputada Luci Choinacki, quero de público dar esse testemunho e agradecer ao presidente Jonas Donizette o apoio dado para a realização desta audiência pública.

O SR. DEPUTADO JONAS DONIZETTE – Obrigado, deputada Jô Moraes.

Cumprimento a Mesa, as atletas, as representantes do Ministério do Esporte e do Ministério da Educação.

Tenho em minhas mãos já notícia sobre a repercussão desta audiência. Diz a Agência Câmara de Notícias: “Comissão discute políticas públicas para mulheres desportistas. Começa a audiência pública que discute a participação das mulheres no esporte. Ministério do Esporte quer incentivar o futebol feminino no Brasil”. Há a divulgação também pela internet e pela *TV Câmara*. Esta audiência está sendo transmitida por meio da internet. Eu conversava com o secretário da Comissão, deputada Jô e deputada Luci, autoras do requerimento de realização desta audiência pública, e resolvemos fazer uma publicação do que foi debatido nesta reunião. Vamos fazer um livro com o registro de tudo o que foi aqui discutido.

Penso que tudo é importante. Ouvimos a Aída falar da batalha que enfrentou, da luta que foi. Acho que tudo tem um começo. No Brasil, temos um problema: às vezes queremos fazer alguma coisa esquecendo disso, achando que estamos inventando a roda. Precisamos reverenciar tudo o que já foi feito. Em meio a dificuldades. A Leila e a Jaqueline, em outras épocas, também enfrentaram dificuldades, não iguais às da Aída, mas de outros tipos. A Amanda também. Enfim, acho que a vida é uma corrida de obstáculos, uma corrida de revezamento – uso exemplos da área esportiva. Cada qual faz a sua parte e vai passando o bastão para a frente.

Acho que podemos aproveitar este momento e dar um belo pontapé inicial nessa discussão. Vamos tentar fazer com que esta audiência seja um marco. A profa. Katia fez uma bela explanação sobre o histórico das Olimpíadas. Se formos analisar outras profissões, veremos que a questão não deve ser diferente. Eu me lembro de que prestamos homenagem à Dra. Esther de Figueiredo, a primeira ministra da Educação do país. Ela foi a primeira professora de direito da Faculdade do Largo São Francisco.

Ela nos disse que, quando ela entrou para dar aula, os próprios professores que eram seus colegas incentivaram os alunos a fazer boicote e não assistir à aula dela. Estamos falando de algumas décadas atrás, não de muito tempo passado. Portanto, conseguimos grandes avanços.

Hoje, no caso da Faculdade do Largo São Francisco, 55% são mulheres que passam no vestibular. Está havendo igualdade de gênero, fruto do tratamento que novas gerações vêm dando a essas questões. A minha mãe era uma mulher apaixonada pela educação. Ela teve de sair da escola porque o pai lhe disse que ia dar preferência aos filhos, aos homens, porque mulher tinha de se preparar para ser dona de casa. E ela ficou com aquela frustração por toda a vida.

Tenho duas filhas. Muitos pais têm filhos e filhas. Acredito que, hoje, um pai cria uma filha para que ela seja feliz, para que o casamento não seja uma profissão, para que o homem que ela escolheu para viver seja uma opção de amor e não uma opção de vida, de sustento, de qualquer coisa desse tipo. Até mesmo porque uma relação que consiste nisso não subsiste.

Acredito que essa mudança de mentalidade vem fazendo muito bem ao nosso país. Ainda falta muito. Coisas que foram plantadas durante séculos na história da humanidade não são desfeitas em algumas décadas. Mas acredito que as mulheres, pela sua perseverança – quero me incluir entre muitos homens que também ajudam nessa luta –, conseguiram grandes avanços.

Abordando especificamente o tema “esportes”, que aqui estamos discutindo, é uma honra e uma alegria receber nesta Comissão as atletas. Eu vibrei muitas vezes com a Jaqueline e com a Leila, vendo as partidas. Acho que eu estava começando na política como vereador, em Campinas. Para mim, é uma grata satisfação poder hoje compartilhar este momento aqui com vocês.

Deputada Jô, nós aprovamos, no caso das emendas a que temos direito, uma emenda de 500 milhões de reais para o esporte escolar, a pedido do ministro. E hoje recebo a triste notícia de que o relator setorial do Orçamento reduziu esse valor para 22 milhões. Essa emenda seria destinada especificamente para o esporte nas escolas.

Ouvi a intervenção da Jaqueline, junto com o deputado Afonso Hamm, e ela falou tudo. Temos de criar condições para que todos participem do esporte. Se uma quantidade grande de crianças praticar esporte, vai haver aquelas que naturalmente vão se destacar. E mesmo aquelas que não se destacarem podem encontrar no esporte uma filosofia de vida, no sentido

de uma vida mais saudável, uma vida mais cooperativa, uma vida com mais interação, com mais amizade. E não temos outro lugar para fazer isso que não seja a escola, viu, Clélia? Eu acho que a escola é o grande espaço, porque todos, seja o indivíduo ateu, seja religioso, seja branco, seja negro, seja menino, seja menina, têm que passar pela escola.

A SRA. JAQUELINE SILVA – É um corte. Estão vendo como estão enxergando? Eles não estão vendo o que está acontecendo. O foco do esporte hoje está sendo o alto rendimento, o dinheiro, o evento. Mas o valor é outro. Uma coisa é o dinheiro, outra é o valor. Isso é o valor. Quando falamos sobre isso, estamos falando de um valor, de um legado que é para o resto da vida. É isso o que tem de ser trabalhado. E esse valor não está sendo considerado, ainda não está sendo importante. Vai chegar uma hora em que a ficha vai cair, mas ainda não caiu.

O SR. DEPUTADO JONAS DONIZETTE – Acredito que, além disso, deputada Jô, pagamos um preço. Hoje as doenças com maior incidência no país são depressão, pressão alta, problemas cardíacos decorrentes da pressão alta, e diabetes. Essas três doenças, com a prática de esportes, no mínimo, diminuem. Não vou dizer que as pessoas fiquem curadas, mas, no mínimo, melhoram. A pessoa fica com um corpo mais saudável. O governo economizaria muito na área de saúde se investisse mais no esporte.

Quero aproveitar esta nossa audiência para registrar isso e para deixar aqui o nosso protesto, realmente, para que o governo olhe com mais carinho para essa questão. Eu compreendo as questões orçamentárias. Sei que o sub-relator e o relator, quando vão lidar com números, têm que fazer os ajustes, para que caibam dentro daquele montante do Orçamento. Mas foi um corte muito drástico. Acho que temos de continuar lutando nesta Comissão.

Eu quero deixar registrado o meu apoio à proposta de o ano de 2013 ser dedicado ao esporte feminino. E quero que usemos o ano de 2012 para fazer realmente uma grande movimentação no país. Eu acho que podemos contar com V.Exa., com a deputada Luci, com a deputada Professora Dorinha, que também faz parte da Comissão, e com outras tantas deputadas desta Casa e também deputados que tenham interesse em lutar por um esporte mais forte.

No mais, quero saudar as atletas que aqui estão, dizer da alegria de recebê-las e agradecer também ao Ministério da Educação, ao Ministério do Esporte, que aqui compareceram, à profa. Katia. Percebi

que se dedica especialmente a esse tema. Vou ler o seu livro com muito carinho. Quero agradecer também à Amanda a presença.

Muito obrigado, deputada Jô Moraes.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Jô Moraes) – Vou passar a palavra ao deputado Valadares Filho e devolver a coordenação dos trabalhos para a deputada Luci Choinacki. Antes aviso a todos os deputados que foi aberto um novo painel. É preciso, portanto, fazer o registro. Já teve início a Ordem do Dia.

Logo depois da manifestação do deputado Valadares Filho, será devolvida a palavra às convidadas, para que cada uma faça suas considerações finais.

O SR. DEPUTADO VALADARES FILHO – Sra. Presidenta, deputada Jô Moraes, quero cumprimentar V.Exa., a deputada Luci, também autora do requerimento, os colegas de parlamento aqui presentes e todas as convidadas que hoje nos deram o prazer e a alegria de debater um tema de suma importância para o desenvolvimento do esporte feminino em nosso país.

Como não desejo ser repetitivo, vou me somar aos nobres colegas que falaram sobre a importância do espaço da mulher no esporte, da valorização, do investimento. Eu não tive a oportunidade de ouvir os depoimentos da Leila e da Jaqueline, mas fui informado de que apresentaram depoimentos extremamente relevantes, assim como o da Aída. Assisti ao da Amanda, que falou da dificuldade do futebol feminino, o que, sem dúvida, serve de reflexão para nós políticos e, como ela mesma disse, para que nós, parlamentares, possamos dar nossa contribuição. Então, acho que serviu de lição para todos nós. Como já foi mencionado aqui, serviu de lição para todos nós, parlamentares, o que foi dito pelas nossas atletas e pelos representantes dos órgãos competentes do governo federal.

Quero cumprimentar a Leila, que tive oportunidade de ver na quadra e no vôlei de praia, a Jaqueline, que também já vi no vôlei de praia. Eu era um admirador, um torcedor. Vocês deram muita alegria a todos nós, que fazemos parte do nosso país.

A Clélia apresentou dados do Ministério da Educação relativos a quadras poliesportivas nas escolas. Em termos de contribuição, apresentei um projeto de lei, já aprovado nesta Comissão, levando em conta a minha preocupação também com esses dados. Menos da metade das



escolas públicas brasileiras têm quadras poliesportivas. É muito pouco. Temos que ter o máximo possível, até para incentivarmos as crianças, como está sendo ressaltado nesta discussão.

Apresentei, portanto, um projeto de lei, que foi aprovado nesta Comissão, e quero pedir o apoio do Ministério para que nós, do Parlamento, possamos dar essa contribuição. Trata-se de um incentivo ao desporto educacional e obriga que todas as escolas públicas para mais de 500 alunos que forem construídas a partir da aprovação desse projeto de lei, a ser sancionado pela presidente da República, possuam quadra poliesportiva. Ele já foi aprovado nesta Comissão por unanimidade, já foi para a CCJ. Já pedi o apoio do ministro Aldo, que se sensibilizou com esse projeto. Ele também, no Ministério, tem trabalhado muito essa questão do incentivo ao desporto educacional, importante para a vida da criança, conforme tudo o que foi aqui debatido pelos parlamentares e por vocês. Eu pediria esse apoio.

No mais, quero cumprimentá-los e me somar a essa questão de 2012, deputada Luci, no que se refere a formarmos um movimento, conseguirmos investimentos e fazermos com que o desporto feminino seja cada vez mais valorizado em nosso país, pelas alegrias que já passamos e pelas alegrias que podemos passar ainda mais, se houver mais investimentos, se nós, que fazemos parte do Congresso Nacional, reivindicarmos do Executivo mais investimentos e mais trabalho para todos vocês.

Agradeço a todos. O presidente Jonas não está aqui, mas quero cumprimentá-lo pela grande condução da Comissão de Turismo e Desporto neste ano. Parabéns.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Obrigada.

Com a palavra, o deputado Rubens Bueno.

O SR. DEPUTADO RUBENS BUENO – Deputada Luci, convidadas, não pude acompanhar a reunião. A nossa vida aqui, no dia a dia, não é fácil, até porque a Comissão Mista de Orçamento está funcionando.

Quero apenas registrar um dado para as senhoras que estão presentes, para as convidadas. Nós estamos votando o Orçamento da União para o ano que vem. Esse orçamento tem o valor de 2 trilhões e 225 bilhões de reais. Para a educação, será destinado algo em torno de 75 bilhões de reais, 3,2% do Orçamento; para a saúde pública, 83 bilhões de reais, algo em torno de 3,8% do Orçamento. Se formos dissecando, vamos chegar

a ponto de dizer o seguinte: qual é o investimento para o ano que vem? É de 57 bilhões, ou seja, 6 bilhões a menos do que em 2011. Se formos falar em esporte, em cultura, aí, então...

Tivemos uma reunião de bancada recentemente, quando falamos sobre dinheiro para os estados – a bancada de cada estado se reúne para saber onde aplicar seus recursos. Não se fala em esporte, não se fala em cultura. E mais: nós estamos votando agora o Regime Geral da Copa, essa discussão feita aqui no dia a dia. Estamos combatendo – e combatendo duro – qualquer intervenção internacional na soberania brasileira, a exemplo da intervenção da FIFA, algo que desagrada a cada cidadão e cidadã deste país.

Está em discussão sobretudo uma emenda a esse projeto de lei que dá a ex-atletas, jogadores de futebol que participaram da Copa do Mundo, a possibilidade de ter uma bolsa, uma ajuda, uma aposentadoria, enfim, cria um fundo para cuidar disso. Mas não fala da mulher em nenhum momento.

Então, eu gostaria de aproveitar este momento, na presença das deputadas Luci Choinacki e Jô Moraes, que fazem um belo trabalho na Comissão de Turismo e Desporto, junto com todos os outros deputados, para sugerir que trabalhem algo que não fique somente no discurso, mas que atente para a prática do dia a dia. Refiro-me ao Orçamento da União para o esporte e a cultura, porque isso é fundamental. Um país sem cultura não vai a lugar algum; e é preciso esporte para ocupar todo esse espaço, com criatividade, sabendo que alguém, mesmo sendo órfão e não tendo onde morar, pode ter a oportunidade de ser um atleta e um campeão.

É com esse espírito que eu gostaria de pedir a todos para discutirmos a Lei Geral da Copa ainda por um tempo, de fundamental importância para incluir e homenagear essas pessoas que já prestaram muitas homenagens ao povo brasileiro.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Muito obrigada, deputado Rubens Bueno.

Vamos passar a palavra às integrantes da Mesa. Não sei se todas gostariam de falar. Só peço que não extrapolem o tempo, porque já estamos sendo chamados para ir ao Plenário.

A SRA. KÁTIA RUBIO – Nesses 15 anos em que trabalho com a história de vida dos atletas olímpicos brasileiros, eu já tive oportunidade de

entrevistar aproximadamente 600 atletas, mulheres e homens. E é muito interessante observar que, dessas tantas entrevistas, pelo menos 220 são de mulheres. E, dessas 220 mulheres, menos de 10 referiram-se a algum tipo de preconceito de gênero. É muito comum as atletas negras, por exemplo, referirem-se a preconceito racial. Mas a questão do preconceito no esporte feminino é tão severa que as mulheres sequer conseguem enxergar o preconceito que vivem.

Eu tive oportunidade, na semana passada, de entrevistar uma atleta que foi assediada pelo técnico por quatro anos. E, ao final, eu faço uma pergunta a ela: “Você consegue observar algum tipo de preconceito ou de discriminação?” Ela me responde: “Não.” Aí, eu falei: “Mas com a câmera aberta você me disse que foi assediada”. E ela falou: “Ah, isso é um mal”.

Portanto, há muito que se avançar, deputado, nessa nossa discussão. E, veja, eu entendo o que o senhor ressalta em relação à aposentadoria do atleta. No ano de 2009, nós fizemos um congresso em São Paulo a respeito de destreinamento e transição de carreira, por conta do cinquentenário da Copa do Mundo e do Mundial de Basquete de 1960. E lá nós discutimos o papel que o atleta que participa de competições internacionais desempenha para o país. Os atletas são embaixadores do Brasil, quando eles vestem a camiseta com o símbolo do Comitê Olímpico Brasileiro ou com as cores do Brasil, eles são tão representantes nossos como o são os cônsules, como o são os diplomatas de uma forma geral. E, no entanto, a quantidade de atletas que estão na miséria depois de terem prestado esse serviço à nação é muito maior do que todos vocês podem imaginar. São muitos os atletas que sofrem com problemas mentais, atletas que sofrem com alcoolismo, atletas que vivem em porões e de favor na casa dos outros, depois de terem feito a nossa alegria como torcedores e como cidadãos brasileiros.

Então, eu penso que é mais do que urgente discutir a condição do atleta que representa o Brasil como de fato um diplomata, um representante do esporte e do país.

Obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Registro as presenças da Sra. Raquel Teixeira, que foi presidente da Comissão de Turismo e Desporto, em 2010, e da Professora Dorinha, que também faz parte da Comissão.

Passamos a palavra à Sra. Clélia Mara Brandão.

A SRA. CLÉLIA MARA BRANDÃO – Obrigada. Quero aproveitar os momentos finais para agradecer, mais uma vez, pelo convite e parabenizar esta Casa e as deputadas Luci Choinacki e Jô Moraes pela iniciativa.

Fico muito feliz quando os deputados nos apresentam a possibilidade de um projeto de lei para tornar obrigatório que as escolas públicas brasileiras contem com quadras esportivas, no momento da sua construção. Em que pesem todos os esforços feitos para que a disciplina Educação Física possa ser incorporada como algo importante para o processo educacional das nossas crianças, adolescentes e jovens, os dados apontam que ainda não é pouco o número de escolas que não contam nem com quadras, nem com professores dessa disciplina.

E, do ponto de vista da escola, reitero que a educação física escolar, ainda que não tenha o objetivo de tornar as crianças esportistas, possibilita que, pelo conhecimento do movimento do corpo, da ginástica e dos jogos, o esporte possa vir a ser incorporado como parte da vida e do processo de construção da solidariedade, da ética, do exercício da cidadania e do respeito ao próximo.

Então, espero sinceramente que esta Casa aprove a iniciativa de 2013 como o ano do esporte, como uma possibilidade, como uma estratégia, não só para que a gente garanta um princípio básico constitucional, que é esporte e lazer para todos e para cada um, mas que, a partir daí, a gente possa olhar as dificuldades, as diferenças e os preconceitos que ainda incidem na relação entre meninas e meninos, dentro e fora da escola.

Muito obrigada a todos. Estamos à disposição.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Muito obrigada.

A SRA. AÍDA DOS SANTOS – Eu quero agradecer a todos por ter sido convidada a fazer parte desta Comissão.

Eu cheguei à conclusão de que fiz cinco eliminatórias para as Olimpíadas pelo fato de ser mulher e ser negra.

A SRA. CÁSSIA DAMIANI – Eu gostaria de agradecer, em nome do ministro, porque a minha participação aqui é nessa condição. Mas na minha condição individual, porque sou mulher, professora de educação física, gestora pública há mais de 25 anos, quero dizer que me sinto honrada e orgulhosa de estar aqui presenciando isso nesta Comissão.

Nós também, na condição de mulheres, gestoras e professoras, sentimos, sim, um grau elevado de preconceito de todas as condições que foram mencionadas aqui e outras ainda, principalmente na extração da

nossa capacidade intelectual de produção e depois do usufruto dessa capacidade, que é o resultado do nosso trabalho. Mas a luta é grande, e nós vamos continuar com essas bandeiras.

Em nome do ministro Aldo Rebelo, que é extremamente sensível a essa questão, como eu já coloquei inicialmente na minha fala, há uma questão a acrescentar: além de apoiar a valorização da participação das mulheres no esporte, com todo aquele elenco de condições que eu citei aqui, ele apoia também esse projeto para 2013. Estamos, sim, interessados em debater o recorte de gênero no programa Segundo Tempo e nos demais programas sociais, principalmente aqueles em parceria com o MEC, com os Ministérios da Saúde, da Defesa, o Bolsa Atleta e a questão, em especial – e eu repito, com ênfase – do futebol feminino, porque nós não estamos falando apenas de medalhas, nós não estamos falando apenas de resultados, que são importantíssimos, mas nós estamos falando em formação, em cidadania, em construção de um outro projeto e outra sociabilidade para o brasileiro.

E isso significa também o compromisso de transformar em lei tudo o que nós estamos debatendo aqui, tendo como horizonte, deputado, um outro sistema nacional de esporte que inclua essas manifestações e corrija as defectudes que hoje o nosso aparato legislativo apresenta. É muito difícil o recorte que nós temos. Temos que enfrentar essa questão e jogar muita força na formação, não só na formação de esporte de base, mas na formação de todo o processo da cultura corporal do brasileiro e pela universalização disso com qualidade.

Então, eu gostaria de agradecer, parabenizar e dizer que eu estou orgulhosa de estar aqui, por ser mulher e, nesta quadra da história, estar participando deste debate com esses depoimentos. Eu fiquei muito querendo fazer o meu também, mas quem sabe um dia, porque também eu tenho uma longa história de luta, porque o preconceito nos perpassa quando nós ousamos dizer o que pensamos, e somos mulheres.

Muito obrigada.

A SRA. JAQUELINE SILVA – Então, vou agradecer mais uma vez por essa oportunidade e dizer que eu gostaria também de me colocar disponível, se eu puder ajudar em alguma outra coisa, em outros dias. Podem contar comigo. Isso é uma luta. Eu acho que há muita coisa realmente para se fazer.

Eu vou dizer aqui uma coisa que eu sinto muito. Eu acho que hoje o futebol feminino simboliza muito claramente toda a situação

das mulheres do esporte no Brasil. Eu acho que, se pensarmos em preconceito, se pensarmos em qualquer coisa, o futebol feminino hoje está aí para todo mundo ver o que é a situação. O futebol feminino é muito escancarado, como diz a Leila. É muito forte, até porque nós somos o país do futebol. O futebol é o nosso esporte mais rico, é o que tem mais recursos.

Então, quando você coloca o futebol feminino do lado de uma situação dessas, ele reflete a realidade de um país. O futebol feminino nos Estados Unidos é tratado dentro da universidade. E, quando você vai a uma universidade, quem joga futebol são as mulheres. Quando há um menino, o menino completa o time feminino. Então, ele está num nível tão diferente. Ele é tratado de uma forma tão mais apropriada, é tão bem tratado! Por que, quando chega aqui, no país do futebol, ele é colocado nessa posição? É porque realmente a mulher no esporte está sendo colocada nessa posição. É isso que temos de ver. E outra coisa que eu acho importante é a mulher também ser valorizada não só como atleta, mas ser apontada como dirigente, como treinadora, para que mais mulheres ocupem cargos de comando mesmo. Eu acho que está faltando muito isso. Eu não consigo nem imaginar isso hoje. Eu acho que a gente não tem nem como citar o nome de uma profissional. A Letícia não foi colocada lá, ela se colocou.

Fora isso, não existe nenhuma mulher em cargo de comando. Portanto, quando começamos a discutir esse assunto, precisamos também que as mulheres sejam convocadas.

Agradeço, então, a oportunidade. Parabéns, mais uma vez, a todos!

A SRA. LEILA BARROS – Para finalizar, eu quero agradecer a oportunidade e dizer que esses depoimentos aqui, enfim, são três pingos no meio de um oceano. Cada história é uma história para a gente chorar, para a gente, enfim, se orgulhar, porque atleta neste Brasil, definitivamente, como a história do futebol, como a Jaqueline falou, é herói. Atleta no Brasil muitas vezes sobrevive por paixão mesmo. É uma coisa que não tem explicação.

Eu só quero enfatizar aqui a nossa preocupação. Nós, em alguns momentos, enfatizamos a questão do esporte de alto rendimento. Mas vamos nos preocupar para que esse rendimento aconteça, para que se tenha patrocínio, retorno, mídia, enfim. Para que o brasileiro fique contente com os resultados, é importante que se trabalhe quem está lá embaixo, começando do zero, sem um tênis para calçar, sem uma bola para

brincar, enfim, sem apoio nenhum. Então, vamos ter um cuidado maior com as nossas crianças. Elas é que são o futuro.

Assim eu encerro com vocês. Quero agradecer a oportunidade e dizer que, para mim, foi enriquecedora esta tarde com todas vocês aqui, principalmente com a Aída, que, para mim, é um exemplo de guerreira mesmo. Enfim, quero dizer para a Kátia que nós vamos combinar um horário para a entrevista.

Agradeço a oportunidade de tentar, de alguma forma, sensibilizar a todos. Vocês, que comandam o nosso país, que têm oportunidade de votar e direcionar as coisas por nós, cidadãos, tratem com carinho este momento tão especial do esporte, por favor.

Obrigada.

A SRA. AMANDA MIRANDA – Mais uma vez agradeço a oportunidade. Faltou uma informação minha que eu gostaria de expor a vocês. Eu tenho o exemplo da disparidade entre o futebol feminino e o masculino dentro de casa. Não sei se vocês sabem, meu irmão joga bola também. É o atacante do Fluminense Rafael Moura, que jogou no Atlético Paranaense. Então, eu tenho esse exemplo da diferença de salário, de infraestrutura, de apoio, em casa.

Quero então compartilhar com vocês isso e dizer, para encerrar, que eu conto demais com vocês. Acredito na competência dos profissionais que estão aqui e conto com o compromisso de levar esse debate adiante. Que não seja só hoje que a gente está tendo essa oportunidade, mas que isso possa ser discutido o mais rápido e da maneira mais eficiente possível, porque não está envolvendo só nós, desta Mesa, mas um mundo de meninas que estão lá fora, dependendo de nós aqui dentro.

Obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Agradeço a todas as participantes. Não vou citar o nome de todas, porque nós estamos encerrando, mas quero dizer que foi uma tarde que trouxe alegria, trouxe para a gente experiência, desafios e a certeza de que nós somos capazes de superar. A Mesa trouxe bons exemplos do que é possível, mas a gente não quer que as outras que estão vindo passem o que vocês passaram ou que todas nós, de uma forma diferente, passamos. Que haja uma vida melhor. Eu acho que essa é a busca.

Por isso, devemos apontar para as crianças, para a formação, para a preparação, para tirá-las da rua, porque muitas vezes dizemos: “Ah,

combate à droga”. Vamos criar educação esportiva, fazer outras coisas. Não precisamos pensar em prender. Acredito que o Brasil está caminhando para isso. O Brasil é outro, quando criou o Bolsa Atleta e está criando tantas coisas. E vocês, todas nós aqui estamos em uma outra perspectiva.

Estou muito feliz e agradecida ao Ministério do Esporte, com o ministro Aldo Rebelo, ao MEC, que tem toda a contribuição dos que estão envolvidos, à ministra Iriny Lopes, que mandou um abraço e disse que vai estar envolvida, ajudando, à Comissão e ao nosso presidente, que, carinhosamente, se propôs a fazer um livro com os depoimentos que foram feitos. Presidente, muito obrigado, porque isso é muito generoso e vai dar uma grande contribuição para a gente continuar esse trabalho, esse apoio.

O SR. DEPUTADO JONAS DONIZETTE – Só um aparte, deputada. Eu queria, antes da sua fala de encerramento, até convidar as nossas convidadas e todos que puderem participar. Nós temos entre nós a deputada Raquel Teixeira, que foi presidente desta Comissão. Já que nós estamos falando do esporte feminino, ela foi presidente da Comissão de Esportes no mandato passado. E também temos o deputado Afonso Hamm.

Assim que terminar a nossa audiência, nós vamos fazer a inauguração da galeria de fotos de ex-presidentes. Então, convido a todos que estão presentes. Depois haverá um coquetel oferecido pela CNC.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Luci Choinacki) – Muito obrigada, presidente. E estendemos o convite, em nome do presidente, para todos ficarem aqui e participarem desse momento especial.

Com certeza, é um começo, não um fim.

Muito obrigada.





COMISSÕES  
EM AÇÃO EM  
COMISSÕES  
EM AÇÃO  
COMISSÕES  
EM AÇÃO



Conheça outros títulos da Edições Câmara no portal da Câmara dos Deputados: [www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/edicoes](http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/edicoes)